

# OLHARES COMPARTILHADOS: ESTRATÉGIAS DE FOTOGRAFIA PARA PESSOAS CEGAS

Dissertação

ANDREA GURGEL DE FREITAS

Trabalho realizado sob a orientação da

Profa. Dra. Carla Sofia Freire, ESECS/IPL

Coorientação da

Profa. Dra. Maria Kowalski, ESECS/IPL

Leiria, Março de 2018

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Terezinha e Miguel [*in memoriam*] pela presença na lembrança. À tia Amélia, minha terceira mãe, pelo apoio [afetivo, emotivo e financeiro] e por apostar em mim, sobretudo na minha participação no Mestrado; às tias Eletícia [minha segunda mãe], Lana e Raquel, pela contribuição financeira; e ao meu filho, Gabriel, pela paciência e por compreender a minha ausência, em virtude do meu volume de trabalho. Isso é, e foi, por nós, filho.

Ao Teotônio, que foi meu companheiro de vida por 16 anos, pelo apoio na realização das Oficinas de Fotografia para Pessoas com Deficiência Visual, especialmente pela disponibilidade em colaborar na “Olhares Compartilhados”, oficina objeto de estudo deste Mestrado.

Ao Henrique José, por ter cedido o Mercado da Foto para a realização da Oficina e por ter participado de alguns encontros compartilhando seu conhecimento com o grupo. Ao Miguelito, pelo apoio durante as aulas no Mercado e ao Rômulo e Didi pelo apoio na aula de campo. Ao Glácio e Hyago pelo apoio técnico em áudio e informática, respectivamente.

Ao Professor Dr. Jefferson Fernandes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pelo convite para adentrar numa área até então completamente desconhecida por mim. Tudo começou aí, a partir do desafio lançado.

Às chefias e colegas dos meus locais de trabalho: Olhares; Setor de Acessibilidade da Secretaria de Educação a Distância (SEDIS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e ao Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual Profa. Iapissara Aguiar (CAP RN) da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC RN), pela solidariedade.

Aos meus colegas do Mestrado, especialmente aos brasileiros, Paulo Mauá e Dilma Negreiros, pela parceria. À Dilma, minha amiga, por estar sempre comigo nas situações mais difíceis e por

enxugar minhas lágrimas e me fazer sorrir, por chamada de vídeo ou por mensagens de texto, mesmo estando em outro país aguardando a chegada do primeiro neto. Sem sua ajuda, seu apoio, sua generosidade, tudo teria sido mais difícil.

À Lilian Menenguci, minha amiga de Espírito Santo e alma leve, por acalantar meu coração, me ajudando a respirar para reorganizar minha morada interior e por se disponibilizar a colaborar no que fosse preciso.

Aos Professores e Professoras do Mestrado em Comunicação Acessível, sobretudo às Professoras Dras. Carla Freire e Maria Kowalski, pela orientação e coorientação, especialmente à Professora Carla, pela delicadeza em lidar com meus problemas diante de todas as adversidades que foram surgindo durante o Curso. Sem seu cuidado e persistência, eu não teria concluído.

Ao Bruno Lima, Izabel Neta, Marcos Silva, Sebastião Lima, Sidney Trindade e Vanessa Silveira – participantes da oficina “Olhares Compartilhados” – pela disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Sem vocês, simplesmente, nada teria sido possível.

Ao Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte, pela parceria e empréstimo das máquinas fotográficas.

Ao Teco Barbero e João Maia, fotógrafos com baixa visão, que se disponibilizaram a conversar com o grupo, sobretudo a Teco, por ter relatado sua experiência.

À Olhares, nossa organização não governamental, que dissemina a fotografia de forma tão libertadora. Sigamos resistindo!



## RESUMO

Este trabalho disserta sobre as vivências na “Olhares Compartilhados”, uma Oficina Básica de Fotografia para Pessoas com Deficiência Visual, iniciada em 2009 e que já realizou sua terceira edição, todas em Natal, Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil.

A última edição ocorreu em 2017, sendo objeto de estudo do presente trabalho. A Oficina foi realizada no período de 14 de Janeiro a 17 de Junho, com carga horária de 27 horas, divididas em nove encontros de três horas cada. Contou com a participação de seis pessoas, sendo, três com cegueira congênita e três com cegueira adquirida, com faixa etária de 29 a 63 anos de idade.

A pesquisa, de natureza qualitativa, com tipo de estudo exploratório-descritivo e estratégias de pesquisa-ação, objetiva analisar as alternativas encontradas para que as pessoas cegas possam se comunicar e interagir socialmente por meio de imagens escritas com luz. Esta metodologia para a inclusão visual deste público, possibilita ver, produzir e consumir imagens fotográficas.

Os resultados revelam que as estratégias desenvolvidas e aplicadas durante as Oficinas possibilitam as pessoas cegas compreenderem alguns aspectos referentes à fotografia, como sua linguagem e princípios. Com o decorrer do tempo, pode vir a ser executada de forma mais autônoma e segura, em decorrência do conhecimento do equipamento a ser utilizado, como ocorre com alguns fotógrafos cegos do mundo. Além da inclusão visual, o trabalho colabora com o rompimento de barreiras, sobretudo a atitudinal, fortalecendo que o olhar está para além da visão.

### **Palavras-chave:**

Acessibilidade Cultural; Cegueira; Deficiência Visual; Fotografia.



## **ABSTRACT**

This paper discusses experiences at "Olhares Compartilhados", a Basic Photography Workshop for People with Visual Disabilities, that started in 2009 and has already held its third edition, all in Natal, Rio Grande do Norte, Northeastern region of Brazil.

The last edition occurred in 2017 and is object of study in the present work. The Workshop was held from January 14 to June 17, having a workload of 27 hours, divided into nine meetings of three hours each. This Workshop had six participants, three with congenital blindness and three with acquired blindness, their age range is between 29 to 63 years old.

The qualitative research, based on an exploratory-descriptive study and action-research strategies, aims to analyze the alternatives found for blind people to communicate and interact socially through light-written images. This methodology for visual inclusion of this public, enable them to see, produce and consume photographic images.

The results reveal that the strategies developed and applied during the Workshops allow blind people to understand some aspects of photography, such as their language and principles. Over time, it may be implemented in a more autonomous and safe way, due to the knowledge of the equipment to be used, as it happens with some blind photographers of the world. Besides the visual inclusion, the work collaborates with the breaking of barriers, especially the attitudinal, strengthening that the capacity to see is beyond the vision.

### **Keywords**

Cultural Accessibility; Blindness; Visual impairment; Photography.





# ÍNDICE GERAL

## OLHARES COMPARTILHADOS: ESTRATÉGIAS DE FOTOGRAFIA PARA PESSOAS CEGAS . i

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Índice Geral .....	ix
Índice de Figuras .....	xi
Índice de Quadros .....	xii
Abreviaturas .....	xiii
INTRODUÇÃO .....	1
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	7
1.1 Do acesso ao que é visível .....	7
1.2 Notas sobre diversidade visual .....	9
1.2.1 Olhar é aprendizagem .....	10
1.3 Notas sobre fotografia .....	12
1.4 Notas sobre o não ver o que se fotografa .....	14
1.4.1 Desenquadrar é enquadrar de outra maneira .....	15
1.4.2 Desenquadrar a partir da literatura científica .....	18
1.4.3 Desenquadrar do ponto de vista prático .....	20
2 METODOLOGIA .....	24
2.1 Tipo de estudo .....	25
2.2 Objeto e sujeito do estudo .....	25
2.2.1 Objeto de estudo .....	25
2.2.2 Sujeito de estudo .....	27
2.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados .....	28
2.3.1 Análise documental .....	28
2.3.2 Inquérito por questionário .....	29
2.3.3 Observação participante com base em diários de bordo .....	30
2.4 Técnicas de análise dos dados .....	30
2.4.1 Análise documental .....	30
2.4.2 Análise do Inquérito por Questionário .....	31
2.4.3 Análise do Diário de Bordo .....	32

<b>3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....</b>	<b>34</b>
3.1 Técnicas e estratégias de fotografia para pessoas cegas .....	34
3.1.1 Primeira Fase   2009 .....	34
3.1.2 Segunda Fase   2012 .....	38
3.1.3 Terceira Fase   2017 .....	39
3.2 Olhares Compartilhados: Oficina de 2017 .....	47
3.2.1 Caracterização dos participantes .....	47
3.2.2 Ponto de vista dos intervenientes (participantes e investigadora) .....	54
3.2.3 Reflexões finais .....	63
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>65</b>
Limitações do estudo.....	68
Propostas de estudos futuros.....	68
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>70</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>1</b>
Anexo 1   Carta.....	2
Anexo 2   Formulário de inscrição .....	5
Anexo 3   Respostas ao formulário .....	10
Anexo 4   Diário de bordo .....	15
1º Encontro   14/01, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	15
2º Encontro   28/01, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	17
3º Encontro   04/02, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	19
4º Encontro   11/02, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	21
5º Encontro   18/02, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	22
6º Encontro   25/02, sábado, 8h30min às 11h30min, AC em Ponta Negra.....	23
7º Encontro   04/03, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	24
8º Encontro   18/03, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	26
9º Encontro   17/06, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto .....	32
Anexo 5   Análise de conteúdo do diário de bordo .....	34

## ÍNDICE DE FIGURAS

**Figura 1** - Moldura de cartolina para exercício de enquadramento

**Figura 2** - Regra dos terços adaptada com barbante

**Figura 3** - Distância estimada pelo corpo de quem fotografa

**Figura 4** - Regra dos terços com elásticos em moldura de MDF e silhueta do corpo humano em E.V.A.

**Figura 5** - Planos fotográficos em relevo com cordão acetinado

**Figura 6** - Utilização do plano em relevo em relação à distância da pessoa a ser fotografada

**Figura 7** - Fotografia por Henry Butler

**Figura 8** - Adaptação em relevo com carretilha em papel vegetal

**Figura 9** - Detalhe do relevo com carretilha

**Figura 10** - Recurso tátil alternativo

**Figura 11** - Regra dos terços 'móvel' e em relevo, com cordão acetinado

**Figura 12** - Imagem em relevo com carretilha sobre placa da regra dos terços

**Figura 13** - Regra dos terços enumerada como um teclado de telefone.

**Figura 14** - Fotografia por P5, 2017

**Figura 15** - Explicação sobre a luz e formação da sombra

**Figura 16** - Contorno da sombra com barbante e fita adesiva

**Figura 17** - Projeção, ampliação e exploração da sombra de um participante na parede

**Figura 18** - Fases da Pesquisa-ação da oficina Olhares Compartilhados

**Figura 19** - Participação de Teco Barbero por *Skype*

## ÍNDICE DE QUADROS

**Quadro 1** - Distância corporal de referência para planos fotográficos

**Quadro 2** - Dados pessoais dos participantes

**Quadro 3** - Habilitações académicas, emprego e atividade de lazer

**Quadro 4** - Utilização de TIC

**Quadro 5** - Tecnologias de apoio à fotografia

**Quadro 6** - Relação com a fotografia

**Quadro 7** - Motivação para participar na Oficina e sugestões

**Quadro 8** - Cronograma dos encontros e presenças dos/as participantes

## **ABREVIATURAS**

**AC** - Aula de Campo

**AD** - Audiodescrição

**ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

**DV** - Deficiência Visual

**E.V.A** - Espuma Vinílica Acetinada

**ENECULT** - Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura

**EUA** - Estados Unidos da América

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IBRAM** - Instituto Brasileiro de Museus

**IERC** - Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos

**LBI** - Lei Brasileira de Inclusão

**MAM SP** - Museu de Arte Moderna de São Paulo

**MDF** - *Medium Density Fibeboard*

**MP** - Mega Pixels

**PcD** - Pessoa com Deficiência

**RN** - Rio Grande do Norte

**TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

**TIC** - Tecnologias da Informação e Comunicação

**UFRJ** - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UFRN** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte



# INTRODUÇÃO

No Brasil, especialmente nas últimas duas décadas, têm aumentado as políticas públicas que tratam da inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD), tanto na área da Educação quanto na área da Cultura. Nesses campos, diferentes pesquisas e práticas foram desenvolvidas, disseminadas e se consolidaram em todo o território nacional - ao mesmo tempo em que se abriram caminhos para outros saberes e fazeres na direção da Inclusão. Nessa perspectiva, a Acessibilidade - como ausência de barreiras - veio se constituindo um espaço e tempo de conexão para a construção de uma sociedade inclusiva.

A busca pela conexão entre Educação e Cultura se deu, especialmente, por dois fatores: primeiro, pela implicação acadêmica e profissional com o tema apresentado; segundo, porque Educação e Cultura são campos que, entrelaçados, colaboram efetivamente para a formação humana e cultural do cidadão - pessoa com ou sem deficiência. Exemplo disso pode ser constatado no crescente volume de trabalhos científicos nestas áreas apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped)<sup>1</sup> e nos Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult)<sup>2</sup>, dois dos eventos mais significativos realizados anualmente no Brasil e que reúnem publicações de pesquisadores de todas as regiões do país.

## **Construindo novos olhares: contextualização**

Há mais de 10 anos, a Olhares, nossa organização não governamental do estado do Rio Grande do Norte (RN), localizado na região nordeste do Brasil, vem disseminando a fotografia, por meio de oficinas básicas, para crianças, jovens e adultos. A Oficina, cuja metodologia é inspirada em Paulo Freire (2005, 2013), utiliza a fotografia para discutir

---

<sup>1</sup> Site da WEB para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped)  
<http://www.anped.org.br/> (10/02/2108)

<sup>2</sup> Site da WEB para os Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult)  
<http://www.cult.ufba.br/enecult/> (10/02/2018)

questões da cidadania, sendo um espaço de reflexão, discussão e construção coletiva (Freitas, 2014), priorizando a imaginação e a liberdade de expressão (Koudela & Almeida Junior, 2015), gerador de relações que exemplificam a construção de rede, por meio da troca de saberes.

Em reconhecimento ao trabalho desenvolvido no RN e em outros estados brasileiros, tendo já cruzado o Atlântico e desembarcado em Portugal, tal iniciativa foi agraciada pelo Ministério da Cultura do Brasil, por meio do Prêmio Ponto de Memória, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)<sup>3</sup>, onde o objetivo do prêmio foi “apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social”. A instituição também foi conveniada pelo governo estadual com o projeto Ponto de Cultura Lumiar, voltado à produção audiovisual.

De forma a articular a fotografia e cegueira/deficiência visual, em 2009, fomos convidados pelo Ponto de Cultura Evidência Cultural, do Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC), a ministrar uma oficina de fotografia para cegos. Para tanto, buscamos adaptar nossa metodologia e criamos algumas estratégias que possibilitassem a compreensão da produção de uma fotografia por quem não enxerga. Desde então, já foram quatro oficinas realizadas, possibilitando nosso amadurecimento e o aprimoramento da metodologia e das estratégias encontradas para o público em questão.

Até o final de 2016, a nossa Oficina se intitulava “Retratada Cidadania” e, no início de 2017, foi rebatizada para “Olhares Compartilhados” em alusão à instituição e ao compartilhamento do olhar, de mediadores e participantes, com os que não têm a visão e vice-versa. O nome pretende, também, remeter à época em que vivemos, do compartilhamento massivo de imagens, sobretudo as fotográficas, nas redes sociais.

A oficina básica de fotografia “Olhares Compartilhados” não pretende formar fotógrafos, mas sim colaborar para a formação e reflexão crítica dos participantes,

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas-2/de-memoria/programa-pontos-de-memoria/> acessado em 08 de março de 2014.



utilizando a fotografia como ferramenta para esta finalidade, considerando sua linguagem e princípios estéticos. Neste sentido, a metodologia tem o intuito de articular a cegueira/deficiência visual e a fotografia, garantindo a ação autoral das pessoas com deficiência visual para se expressarem por meio de imagens (Freitas, 2014), sendo, o aperfeiçoamento e evolução das adaptações inacabadas, transformadas constantemente e construídas de forma partilhada pelos mediadores e participantes.

Neste contexto, é importante ressaltar que se compreende a cegueira como parte da diversidade humana e não como anormalidade (Freitas, 2014). Assim como se entende, também, ser inegável que a fotografia esteja visceralmente ligada ao sentido da visão. Contudo, como destaca Alves (2008) o olhar não se restringe à percepção visual, engloba outros mecanismos sensoriais para a sua totalidade, pois, “[...] as sonoridades, os cheiros, a exploração tátil e a mobilidade corporal orientam e estão circundadas pela capacidade humana de apreensão processual dos fenômenos que se manifestam externamente” (p. 372).

Considerando o ser humano como um ser único e diferente dos demais, é necessário levar em consideração que todos nós agimos de forma variada aos estímulos recebidos. Ainda que algumas técnicas possibilitem o acesso de pessoas cegas à fotografia, estas necessitam de aperfeiçoamento para colaborar com uma melhor consciência do ato de fotografar.

Torna-se fundamental a análise de técnicas e estratégias existentes que possibilitem pessoas com deficiência visual usufruir da fotografia, fazendo surgir a questão: “Quais as técnicas e estratégias, criadas ou aperfeiçoadas, para que pessoas cegas possam se expressar por meio da fotografia?”

Assim, por meio do questionamento de investigação, busca-se informações para os seguintes objetivos:

- Descrever as técnicas e estratégias utilizadas nas oficinas de fotografia, com participantes com deficiência visual, realizadas em 2009 e 2012, no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC);
- Refletir sobre a criação ou aperfeiçoamento de técnicas e estratégias adequadas a pessoas com deficiência visual que lhes possibilitem expressar-se por meio da fotografia;
- Analisar em que medida uma oficina baseada na adaptação e criação de novas técnicas e estratégias contribui para que as pessoas com deficiência visual possam se expressar por meio da fotografia.

De forma a responder aos objetivos e questão de investigação, nosso estudo é baseado numa estratégia de pesquisa ação que nos permita empreender o esforço investigativo para a observância dos objetivos estabelecidos, de forma que possamos melhorar as práticas. Para tanto, é preciso revelar que a palavra “implicação”, assumida neste texto, ganha os destaques anunciados por René Barbier, em sua obra “A Pesquisa-ação” (2002), quando se refere a ela como “engajamento pessoal e coletivo do pesquisador” (p.101). Essa, de fato, é uma característica que marcou este nosso estudo. Por essa razão, inclusive, em alguns momentos o leitor nos lerá em primeira pessoa; e noutras, na segunda. Um trabalho desta natureza foi vivido por vários corações e diferentes mãos e por isso ele é nosso. “Olhares Compartilhados: estratégias de fotografia para pessoas cegas” converte-se, por conseguinte, em um itinerário reflexivo que revela, entre outras coisas, outros modos de olhar, a partir da fotografia, a pessoa com deficiência visual. É um trabalho que assume a cultura como direito.

O presente estudo é dividido em cinco partes: na **Introdução**, é apresentado o avanço das conquistas para a inclusão da PcD, no âmbito do Brasil, a contextualização da realização de Oficinas de Fotografia para pessoas com Deficiência Visual (DV), assim como a pertinência do nosso estudo, apresentado a questão de investigação e seus respectivos objetivos.

No capítulo **1 Equadramento Teórico**, apresentamos “Notas” relativas a conceitos como “pessoa com deficiência”, “barreiras” e “acessibilidade”, utilizando a Lei 13.146/2015 como referência. No referido capítulo também apresentamos notas sobre a diversidade visual, explicando que o olhar é subjetivo, construído culturalmente. Também apresentamos notas sobre a Fotografia, seu conceito e sua função quanto recorte do real, utilizando diversos autores como referência. Em seguida, neste capítulo, apresentamos algumas experiências relativas à Fotografia e DV, citando exemplos práticos de oficinas e cursos existentes no Brasil, assim como nomes de fotógrafos e fotógrafas, de vários países, nesta condição de fotografar sem a visão.

No capítulo **2 Metodologia**, têm-se a Pesquisa-ação, enquadrada na modalidade emancipadora, apresentando o objeto e sujeito de estudos, os instrumentos de recolha de dados bem como o tratamento para a análise dos dados obtidos.

No capítulo **3 Apresentação e discussão de resultados**, descrevemos as técnicas e estratégias utilizadas nas Fases de realização da Oficina de Fotografia, em 2009, 2012 e 2017, enfatizando nos dados obtidos na Oficina de 2017, que é objeto de investigação para este estudo.

Para finalizar, no capítulo **4 Conclusões**, temos a síntese do trabalho, apresentando resposta à questão de investigação e aos objetivos, além das nossas limitações e propostas para estudos futuros.



# 1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1 DO ACESSO AO QUE É VISÍVEL

A Lei Brasileira de inclusão (LBI), Lei n. 13.146/2015 também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, percorreu um longo caminho, até entrar em vigor no país, em 1º de Janeiro de 2016. Esta lei foi instituída com o intuito de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Em suas Disposições Gerais, o artigo 3º apresenta XIV incisos que conceituam, como uma espécie de glossário, o significado de cada palavra, colaborando com o entendimento e compreensão do que trata a Lei. Dos quatorze conceitos, o inciso I “Acessibilidade” e o inciso IV “Barreiras” devem ser destacados no âmbito desta pesquisa. A Lei conceitua a Acessibilidade como

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015).

E as Barreiras, são conceituadas como

qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (Brasil, 2015).

As Barreiras são subdivididas em seis alíneas: a) Urbanísticas; b) Arquitetônicas; c) Transportes; d) Comunicações e informação; e) Atitudinais; e f) Tecnológicas. Destas, a que consideramos que mereça maior atenção é a Atitudinal, na medida em que se

refere a “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas” (Brasil, 2015). Se a barreira Atitudinal for ultrapassada, é possível que as demais barreiras também sejam transpostas. Contudo, sabe-se que na realidade podem existir boas atitudes, mas as condições físicas, tecnológicas etc, podem não estar adequadas para que a acessibilidade atenda a especificidade de cada sujeito.

Para a Pessoa com Deficiência (PcD), a Lei prevê, para além de outros direitos, o direito à Educação; à Cultura, Esporte, Turismo e Lazer; e ao acesso à Informação e Comunicação.

Atualmente vivemos num mundo sobrecarregado de imagens, o que pode causar “cegueira” a qualquer pessoa, na medida em que o excesso visual nem sempre favorece a compreensão dos significados o que pode gerar dificuldade no ato de decodificação de uma dada mensagem. As pessoas com deficiência visual, sobretudo as pessoas cegas, não têm acesso a estas imagens através dos olhos, embora estejam presentes no mesmo mundo e também possam produzir imagens.

Alguns recursos já se apresentam como alternativas para possibilitar o acesso destas pessoas a informações visuais, como é o caso dos leitores de tela em computadores e *smartphones*, a criação de aplicativos para identificação de alimentos e bebidas nos supermercados, identificação de cores, reconhecimento de pessoas em fotografias e, até mesmo, aplicativos que permitem que uma pessoa vidente auxilie uma pessoa cega por meio de uma chamada de vídeo (e.g. Be My Eyes<sup>4</sup>).

A Audiodescrição (AD), enquanto tradução intersemiótica de informações visuais para verbais (Franco, 2010; Motta & Romeu Filho, 2010; Neves, 2011) é, também, um recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, mas que igualmente auxilia pessoas com outras necessidades específicas (e.g. pessoas idosas, com dislexias, entre outras). A AD pode ser disponibilizada em diferentes contextos, seja em produtos audiovisuais (e.g. cinema, novelas) como também em ambientes culturais

---

<sup>4</sup> Aplicação *Be My Eyes* permite a ligação a voluntários que através de chamadas de vídeo ao vivo podem apoiar a pessoa com deficiência visual. Informações disponíveis no URL <https://www.bemyeyes.com/> (20/03/2018).

(museus, teatros, espetáculos de dança), sendo os seus princípios também utilizados na descrição de imagens estáticas disponibilizadas em materiais didáticos, sites, redes sociais, além de outras plataformas.

## **1.2 NOTAS SOBRE DIVERSIDADE VISUAL**

De acordo com o último censo demográfico realizado, em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 23,9% da população do país têm algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora ou intelectual), dos quais, 18,60% têm deficiência visual e destes, 3,46% têm deficiência visual severa (Brasil, 2010; 2012).

A LBI, Lei n. 13.146/2015 em seu Artigo 2º, das Disposições Gerais, define Pessoa com Deficiência como

aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015).

Por conseguinte, a pessoa com impedimento sensorial relacionado com a visão, é uma pessoa com Deficiência Visual - termo que engloba desde a visão subnormal até a cegueira (Gil, 2000). No âmbito desta pesquisa, não adentraremos ao universo da visão subnormal ou baixa visão, vamos nos limitar apenas às cegueiras congênita (desde o nascimento) e adquirida (por causas orgânicas ou acidentais). Reforça-se, no entanto, que a deficiência é parte da diversidade humana, por isso, opta-se por substituir o termo “deficiência visual” por “diversidade visual”.

Entende-se por cegueira, “uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente” (Sá *et al*, 2007, p. 15).

Sobre as pessoas com cegueira congênita, estas nascem ou perdem a visão muito cedo, então, não têm referência visual de como é o mundo. Elas só vivenciam a sua

deficiência após perceberem que estão imersas num mundo onde as informações e códigos sociais são, na maioria das vezes, visuais (Kastrup, 2010). A pessoa que nunca enxergou tem dificuldade de compreender a perspectiva, a profundidade e a sobreposição de planos. Por seu conhecimento de mundo ser majoritariamente tátil, todas as sensações e vibrações são ricas fontes de informações, que possibilitam a construção de representações mentais e conceitos, a partir do que é concreto (Sá *et al*, 2007).

Já no que se refere a pessoas com cegueira adquirida, estas possuem memória visual, a depender da idade que perderam a visão, de imagens e cores, o que contribui bastante com sua readaptação (Gil, 2000; Kastrup, 2010). No entanto, quando a pessoa perde a visão com uma idade avançada, ela necessita reconstruir e reorganizar o seu mundo, tendo a necessidade de se adequar à sua nova realidade.

Quando se fala/ouve sobre Deficiência Visual, pensa-se logo em pessoas impossibilitadas de perceber o mundo por meio da visão. Diante disso, considera-se que seja de grande relevância refletirmos sobre as diversas formas de percepção do mundo, de que o olhar não se limita à visão, como acredita o senso comum.

### **1.2.1 Olhar é aprendizagem**

A nossa visão não é constituída apenas pelos olhos, sendo importante compreender que eles são parte de um conjunto de fatores que possibilita o enxergar. Segundo Aumont (2004) os olhos são instrumentos da visão, mas não os únicos, uma vez que a percepção visual compreende três operações: ópticas, químicas e nervosas. O órgão da visão não é um instrumento neutro, que apenas transmite informações fieis. A percepção visual, a compreensão do que se vê, é subjetiva, modelada culturalmente, algo, portanto, construído a partir da experiência de mundo de cada indivíduo, sendo denominada de olhar, que, para o autor é a dimensão propriamente humana da visão, definindo a sua intencionalidade e sua finalidade.

Na diversidade humana, há pessoas que enxergam, mas que são cegas para algumas cores, como ocorre com o daltonismo parcial, provocado por falhas nas células da retina, onde, em sua forma mais frequente, não se consegue perceber o vermelho e o



verde; ou, como ocorre com daltonismo total (acromatopsia), onde não se percebe nenhuma cor (Sacks, 2010). Mas, será que o mundo sem cor dessas pessoas é desinteressante, ou é mais vibrante como as intensas fotografias em preto e branco de Sebastião Salgado<sup>5</sup> e de outros grandes fotógrafos do mundo? Será que o mundo de quem nunca enxergou é oco, despovoado? E se, por um processo cirúrgico, essa pessoa pudesse vir a enxergar, como seria?

Para Virgil<sup>6</sup>, “um homem praticamente cego desde o nascimento” (Sacks, 2010, p. 209), num primeiro momento, a possibilidade de enxergar foi fascinante, mas, após a recuperação da visão, foi desconcertante. O seu mundo, que antes era construído por informações não visuais, foi ocupado por estímulos visuais, deixando-o em estado de choque e em confusão, o que o fazia optar por fechar os olhos e isolar-se no escuro, numa tentativa de voltar ao equilíbrio que fora roubado pela cirurgia, considerada um sucesso pela equipe médica.

Mesmo para as pessoas videntes, ter a visão em funcionamento pleno, não significa ter acesso à realidade de forma integral, pois nossos sentidos, sobretudo nossos olhos, podem ser enganados por diversos fenômenos e mecanismos, onde a imaginação pode complementar lacunas ou excluir detalhes das imagens. A exemplo, podemos citar a sensação de movimento causado pela sequência de imagens estáticas, utilizadas no cinema.

Desta forma, podemos dizer que há um fio tênue entre o ver e o imaginar, onde

o inconsciente e o imaginário se constituem numa fronteira do ser humano de difícil abordagem, pois não se pode medir como a imagem se constrói no inconsciente, ou como este inconsciente se relaciona com as imagens que sonhamos, com nossas imaginações criativas e com nossas imagens mentais.

Estas imagens mentais, em última instância, não são meras fotografias

---

<sup>5</sup>Sebastião Salgado nasceu em 1944, em Aimorés, Minas Gerais. Começou sua carreira como fotógrafo na França, onde mora desde 1969. Suas fotografias, em preto e branco, de trabalhadores e refugiados já ganharam inúmeros prêmios e são reconhecidas pela profunda dignidade que despertam no interlocutor (Salgado & Franck, 2014).

<sup>6</sup>Paciente do Dr. Oliver Sacks (2010), citado em “A ilha dos daltônicos”, cujo relato de caso, *Ver e não ver*, encontra-se em “Um antropólogo em Marte”, do mesmo autor.

interiores da realidade: são representações codificadas da realidade que transitam entre o verbal e o icônico. Não se sabe ao certo como as imagens reais interagem com as imagens mentais e estas com o inconsciente (Fernandes, 2006, p. 21).

Sabe-se, no entanto, que para a constituição do ser humano, para que ele possa produzir cultura, linguagens e interações artísticas, é fundamental a dimensão do imaginário.

### **1.3 NOTAS SOBRE FOTOGRAFIA**

A fotografia, considerada a mãe da cultura contemporânea (Fernandes, 2006), tem pouco mais de 190 anos de existência, se levarmos em consideração o primeiro registro de uma imagem gravada pela luz, realizado por Joseph Nicéphore Niépce (1755 - 1833), em Borgonha, França, no ano de 1826, a quem ele chamou de heliografia (Oliveira & Oliveira, 2014).

Sabe-se, no entanto, que seu surgimento é uma junção de várias invenções, em momentos distintos, tendo como princípio a câmera escura e seus recursos ópticos e que, durante muito tempo, os artistas renascentistas passaram a utilizá-la para auxiliar na elaboração de pinturas.

À época das grandes navegações, os europeus desbravavam os oceanos em busca da conquista de novos territórios, os pintores faziam parte da equipe para que pudesse registrar as paisagens, a fauna, a botânica e os nativos. No entanto, Louis Jacques Mandé Daguerre (1787 - 1851), em continuidade às pesquisas de Niépce, criou e patenteou o daguerreótipo, em 1839, evoluindo no aprimoramento nos detalhes e na fixação das imagens fotográficas produzidas que eram positivas e impressas em placas de cobre (Oliveira & Oliveira, 2014).

Segundo Benjamin (1994), tal descoberta teve forte influência nos pintores mais progressistas da época e, sobretudo, aqueles que se dedicavam aos retratos em miniaturas, os quais foram seduzidos pelos encantos técnicos da fotografia, transformando-se em fotógrafos.

Em seu ensaio “Pequena história da fotografia”, publicado originalmente em 1931, Benjamin (1994) conceitua a aura fotográfica como “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja” (p. 101). O autor utiliza a fotografia como referência, por aproximação ou distanciamento, dividindo a sua história em três períodos: apogeu (aura autêntica); declínio (aura manipulada por artifícios fotográficos e a reproduzibilidade); e revitalização (destruição da aura manipulada).

Em contraponto ao que Benjamin considera que seja o declínio da fotografia, Roland Barthes (1984), uma das maiores referências sobre a fotografia, em “A Câmara Clara”, refere que a fotografia registra o que aconteceu e que nunca mais vai se repetir, mesmo que a cena registrada seja reproduzida tecnicamente ao infinito.

Para ele, a fotografia pode ser objeto de três práticas, emoções ou intenções: fazer, suportar e olhar. Nessa prática, ele nomeia o fotógrafo como *Operator*; nós, como *Spectator*; e o referente - o que ou aquele que é fotografado - como *Spectrum* da Fotografia. Barthes afirma, ainda, que a fotografia, num sentido amplo e objetivo, é tida como o *Studium*, algo que tem a ver com a cultura, onde pode-se estabelecer uma relação entre autores e consumidores. No campo vasto do *Studium* de uma fotografia há o *Punctum*, um detalhe subjetivo, que chama a atenção do espectador, sendo “uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que somente dar a ver” (p. 89).

Ao abordarmos o campo da fotografia, torna-se essencial destacar a concepção de imagem, pois, desde os primórdios, o ser humano as produz. E hoje, em tempos de relações virtuais, a imagem nunca foi tão disponibilizada, publicizada e compartilhada. Para qualquer lugar que se olhe há imagens, em diversos formatos e suportes.

Segundo Joly (1994), o termo imagem é aplicado para vários significados, aparentemente sem ligação, que designa algo, nem sempre ligado ao visível, podendo ser imaginária ou concreta, mas, pressupondo o sujeito que a lê e a produz. A autora ainda afirma que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, nem que seja o próprio autor da imagem, portanto, esta deve ser considerada como linguagem e instrumento de comunicação e expressão.

Corroborando com o mesmo pensamento da autora, Aumont (2004) afirma que, para além de ser linguagem e comunicação, a imagem é representação do mundo, vinculada à cultura e à sociedade, provida de particularidades que a tornam perceptível.

Na concepção de Philippe Dubois (1999), por sua vez, a fotografia não é apenas uma imagem. Ela é, primeiramente, índice - relação física entre referente e o processo de produção, tendo a ver com indício, passagem; depois pode tornar-se ícone - relação com a semelhança entre representação e referente; para então ser símbolo - relação de convenção, onde o ato de fotografar inclui não apenas a produção da fotografia, mas, também, a sua recepção e sua contemplação.

Sontag (2013) se aproxima de Dubois, pois, considera a fotografia um decalque do real, uma emanção do objeto fotografado, portanto, registro do que existe, de modo que nenhuma pintura pode ser. Fotografar significa posicionar-se em relação ao mundo, criando uma relação de poder, na medida em que as fotografias são recortes da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir, contendo, naturalmente, o binômio indivisível testemunho/criação, em qualquer que seja o assunto registrado (Kossoy, 2003).

Kossoy (2007) ressalta a necessidade de se compreender o papel cultural da fotografia, com seu poder de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, preservando memórias do cotidiano, seja individual ou coletivo, sendo tão importante quanto as palavras. Para ele, a fotografia é, ao mesmo tempo, “objeto” - de investigações específicas, históricas e teóricas - e “fonte” - de informações referentes às mais diferentes áreas do conhecimento.

#### **1.4 NOTAS SOBRE O NÃO VER O QUE SE FOTOGRAFA**

Para que uma imagem fotográfica seja produzida, é necessário luz e escuridão. É um processo óptico-químico, ou eletrônico (Sontag, 2013) que, no momento da captura, seja numa máquina analógica ou digital, o referente, em si, não é visto, devido à supressão, por um instante, do acesso à imagem após o acionamento do botão de

disparo. A máquina permite que a feitura da imagem seja acompanhada no antes e no depois, deixando “cego” quem fotografa, no durante. Para reafirmar, utilizamos Dubois (1999) quando diz que “o olho jamais vê *aquilo* que está fotografando. Ou ainda: fotografar é não ver. [...] Desse modo, qualquer fotografia, no momento em que é feita, remete para sempre seu objeto ao reino das sombras” (p. 312, grifo do autor).

Para Flusser (1985), a fotografia é uma imagem técnica produzida por um aparelho, operacionalizada por um funcionário (aquele que brinca com o aparelho fazendo apenas o que o mesmo lhe permite fazer) ou por um fotógrafo (aquele que insere na imagem informações imprevistas pelo aparelho). Para ele, “o que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (p. 20).

Corroborando no que diz respeito à fotografia e realidade, Sontag (2013) refere que por mais cuidadosamente que o fotógrafo intervenha para preparar e orientar o processo de criação de imagem,

as operações são automáticas, cujos mecanismos serão inevitavelmente modificados a fim de proporcionar mapas do real ainda mais detalhados e, por conseguinte, mais úteis. A gênese mecânica dessas imagens e a eficiência dos poderes que elas conferem redundam numa nova relação entre imagem e realidade (Sontag, 2013, p. 174, grifo da autora).

Atualmente, em meio às relações de redes sociais, milhões de pessoas utilizam a fotografia como meio de expressão, de comunicação, seja apenas publicando a imagem, ou esta sendo um complemento à mensagem escrita. Destas pessoas que utilizam a fotografia, quantas devem se considerar fotógrafas?

#### **1.4.1 Desenquadrar é enquadrar de outra maneira**

Segundo Aumont (2004), “a palavra **enquadramento** e o verbo *enquadrar* apareceram com o cinema para designar o processo mental e material já em atividade, portanto na imagem pictórica e fotográfica” onde o campo visual é delimitado, em determinado

ângulo, e o “**desenquadramento** [...] um enquadramento desviante, marcado como tal e que procura distinguir o enquadramento da equivalência automática a um olhar” (p. 158, grifo do autor). Portanto, “desenquadrar é sempre enquadrar *de outra maneira*” (Aumont, 2004, p. 159, grifo do autor).

É possível que imagens desenquadradas perturbem os olhares automatizados, acostumados com normas da prescrição estética, a teoria científica do belo, que “oscila quase sempre entre objetividade e normatividade” (Aumont, 2004, p. 303).

Na contramão das normas estéticas, a Lomografia<sup>7</sup> (Fernandes, 2012) um movimento internacional de experimentação e de liberdade do olhar fotográfico, com enquadramentos inusitados (à altura do quadril, por exemplo), criado em torno de uma máquina russa fabricada na década de 80 do século XX, criou e disseminou 10 regras de ouro que desarmam toda a formalidade sobre a fotografia. São elas:

1. Leve sua lomo sempre com você;
2. Use quando quiser, dia ou noite;
3. A Lomografia não interfere na sua vida, faz parte dela;
4. Fotografe sem olhar no visor;
5. Aproxime-se o máximo possível do objeto lomográfico desejado;
6. Não pense;
7. Seja rápido;
8. Você não precisa saber antecipadamente o que fotografou;
9. Nem depois;
10. Não se preocupe com as regras.

Das 10 regras de ouro do movimento, as que nos chama mais atenção é a número 4 “Fotografe sem olhar no visor” e a número 5 “Aproxime-se o máximo possível do objeto lomográfico desejado”. Provavelmente, estas duas orientações não foram concebidas com o intuito de incluir a participação da pessoa cega na produção dessas imagens, mas essas orientações se relacionam com as experiências existentes entre

---

<sup>7</sup> Site da WEB para a Lomography <https://www.lomography.com/about/> (19/03/2018).

a fotografia e a deficiência visual.

Esta relação, fotografia e deficiência visual, num primeiro momento, pode causar estranheza às pessoas, pois, o olhar sem ver é “um ato de pensamento sem pensamento, uma mirada sem alvo. No entanto, é esse movimento escandaloso que produz a mais rara qualidade de um ar” (Barthes, 1984, p. 164). Se nos permitirmos desconstruir o que sempre nos foi colocado como verdade, se sairmos da bolha da supremacia oculocêntrica (Bavcar, 2015), podemos formular questões e refletir sobre as possibilidades e contribuições desta incomum relação: será que pessoas cegas podem produzir fotografias? Se podem, por que o fariam? Será que estas pessoas, apesar de não terem a visão, podem colaborar para a amplitude do olhar de pessoas videntes?

Para Bacci (2015), a fotografia é uma forma de expressão que permite ser criada e compartilhada como forma de comunicação, para a sua captura pode-se usar “outros sentidos que não a visão. Pode ser criada a partir da sensibilidade e do imaginário do autor” (p. 52). Tal experiência, ao fazer uso da linguagem descritiva dá a quem não enxerga o acesso a imagem, e por outro lado enriquece a percepção do vidente que descreveu a imagem.

Evgen Bavcar, filósofo e fotógrafo esloveno, considerado um dos maiores artistas contemporâneos, perdeu a visão aos 12 anos e começou a fotografar aos 16. No Brasil, Bavcar é inspiração para o Programa Igual Diferente, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP), implementado em 1998 e é mola propulsora do lazer acessível no MAM, reconhecido nacional e internacionalmente no âmbito da acessibilidade em museus.

Em suas publicações, Bavcar (2003, 2015) refere que a pupila dos cegos é o corpo inteiro e, como se estivesse provocando seus leitores a refletir sobre sua totalidade, afirma: “como não se pode nunca ver com os próprios olhos, somos todos um pouco cegos. Nós nos olhamos sempre com o olhar do outro, mesmo que seja aquele do espelho” (2003, p.12).

Retornando às formas de olhar, Bavcar afirma que eles, os cegos, têm um

olhar tridimensional, o terceiro olho. É um olhar tridimensional, porque podemos enxergar com nossas mãos ou nosso corpo. Porque o olhar do cego, o olhar do terceiro olho, é todo o corpo, não somente a ponta dos dedos ou a mão, é o corpo todo. Ou seja, é um olhar erótico, por assim dizer, apenas o olhar sobre a escuridão (2015, p. 44).

O autor refere o olhar erótico na medida em que está ligado à proximidade, da mesma forma de quando amamos alguém, pois quando amamos, nos aproximamos tanto que chega ao ponto de cegarmos.

#### **1.4.2 Desenquadrar a partir da literatura científica**

Nas pesquisas por referências relativas à fotografia e deficiência visual, delimitamos nosso campo às produções científicas e experiências práticas realizadas apenas no Brasil. Por um lado, tivemos alguma dificuldade em localizar trabalhos desta natureza na literatura científica internacional; por outro lado, dado o crescente número de experiências relacionadas com a acessibilidade e inclusão que têm surgido em eventos significativos do Brasil (e.g. Anped, Enecut), assim como o contexto de trabalho desta dissertação ser em solo brasileiro, pareceu-nos relevante destacar referências deste país.

Em Mattos (2011) e Mattos, Zanella e Nuernberg (2014) a fotografia foi utilizada como ferramenta de pesquisa na área da psicologia com o objetivo de problematizar, a partir de imagens produzidas por crianças com deficiência visual, seus olhares sobre o contexto em que vivem. Para tanto, foi realizada uma oficina estética denominada “Experiências de (re)criação do olhar”, que contou com a participação de 11 crianças com idades entre os 4 e 12 anos, sendo 6 cegas congênitas, 2 sem deficiência visual e 3 com baixa visão.

Esta oficina foi dividida em cinco encontros, onde as crianças tiveram oportunidade de vivenciar experiências baseadas em diferentes linguagens artísticas, de forma a que pudessem ter a possibilidade de se exprimirem “por meio de palavras, ações,



expressões corporais, produções fotográficas e artísticas.” (Mattos, 2011 p.55). No que se refere à utilização da fotografia, foi facultada a cada criança uma câmera descartável com 27 fotogramas, tendo sido dadas noções básicas sobre o seu funcionamento. Como exercício, foi solicitada a produção de fotos, que apesar de poder existir o auxílio de outras pessoas, deveriam ter o “olhar” da criança sobre as suas relações e contexto onde vive.

Apesar dos resultados deste estudo estarem mais relacionados com a análise de imagem e não propriamente com o processo de fotografar, a experiência foi considerada muito significativa tanto para as crianças, como para a equipe envolvida (Mattos, Zanella & Nuernberg, 2014).

De forma a dar continuidade ao seu trabalho mestrado, ampliando o conhecimento nesta área, Mattos (2015), na sua tese de doutorado propõe-se a analisar o processo de constituição dos olhares de crianças e jovens cegos por meio de fotografia e audiovisuais. Participaram desta pesquisa cinco crianças/jovens com cegueira congênita, com idades entre 7 e 14 anos, residentes da Grande Florianópolis.

Para a elaboração deste trabalho, Mattos (2015) criou uma nova oficina estética dividida em três momentos: Sobre Fotografia e Cidades (um encontro em grupo); In(ter)venções Fotográficas na Cidade (cinco encontros individuais); Reinvenção do Olhar (seis encontros individuais). Para realização da oficina, a autora convidou um amigo fotógrafo para falar tecnicamente sobre alguns princípios básicos da fotografia, como foco, iluminação, enquadramento, ângulo, profundidade. Os alunos tiveram, também, a oportunidade de conhecer vários equipamentos, desde a *pinhole* feita com caixa de fósforo, máquina analógica com lente cambiável, máquina digital amadora e, novamente, a câmera descartável que iriam levar para casa.

Como resultados deste trabalho, Mattos (2015) destaca a possibilidade que estas crianças tiveram de criar as suas próprias narrativas, através da produção e das vivências de acontecimentos com recurso à fotografia e audiovisual, salientando que “um cego pode produzir imagens visuais e ver com os olhos dos outros, com os seus ‘olhos de dentro’, com todo o seu corpo.” (p.167).

Na área das artes, Caldas (2012) pretendia analisar a relação entre a pessoa com deficiência visual e a fotografia. Para tal, a autora criou uma Oficina de Fotografia, dividida em 12 encontros, que contou com a participação de três participantes masculinos, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos. Dois participantes tinham cegueira congênita e um tinha baixa visão.

A Oficina “foi dividida em explanação do motivo das aulas de fotografia, explicação do mecanismo da máquina fotográfica, descrição das fotos feitas nas aulas e apresentação do modelo tátil na aula posterior de uma foto selecionada de cada participante” (Caldas, 2012, p. 78). Neste sentido, os encontros procuraram abordar a familiarização com uma máquina digital amadora; a apresentação da produção de fotógrafos com deficiência visual; o trabalho prático ao nível de autorretratos, família, rotina, lazer, acessibilidade e tema livre; a interlocução com convidados; e a discussão de identificação das imagens e dos resultados.

Os resultados deste estudo salientam o interesse da pessoa com deficiência visual em participar no processo fotográfico, desde o fotografar, como também saber o que ela contém. Neste sentido, destaca-se a importância da descrição das imagens para que pessoas cegas as consigam compreender, mas também a possibilidade que é dada aos participantes com deficiência visual serem autores das suas próprias imagens.

#### **1.4.3 Desenquadrar do ponto de vista prático**

Em nossas buscas de pessoas com deficiência visual que utilizam a fotografia como meio de expressão, além de Bavcar, encontramos sete fotógrafos, em quatro países, sendo, dois do Brasil; um da Espanha; três dos Estados Unidos da América; e um do Japão.

**Brasil:** *João Maia*<sup>8</sup>, baixa visão (uveíte bilateral). Manifestou interesse em fotografar aos 14 anos de idade. Aos 28, foi diagnosticado. Iniciou atletismo um ano após a deficiência. Primeiro fotógrafo DV a registrar uma paralimpíada (Rio 2016); e *Teco Barbero*<sup>9</sup>, baixa visão (cegueira congênita). Tem 5% da visão. Graduado em jornalismo.

---

<sup>8</sup> Site da WEB para “Fotografia Cega”, de João Maia <http://fotografiacega.com.br/> (19/03/2018)

<sup>9</sup> Site da WEB para o blog do Teco Barbero <http://tecobarbero.blogspot.com.br/>, (08/05/2016).

Durante o curso, passou pela disciplina de Fotojornalismo. Há 10 anos trabalha como fotógrafo profissional.

**Espanha:** *Paco Grande*<sup>10</sup>, cego (retinose pigmentar). Fotógrafo e Cineasta, diagnosticado por volta dos 30 anos de idade. Tem menos de 1% de visão no olho esquerdo e não vê nada com o direito. Morou em vários países e atualmente mora nos EUA (Caldas, 2012).

**Estados Unidos da América:** *Amy Hildebrand*, baixa visão, albina. Casada com fotógrafo. De 2009 a 2012, realizou o Projeto *With Little Sound*<sup>11</sup>, que consistia em postar uma fotografia por dia, onde a imagem deveria resumir o seu dia, representando seu estado físico, uma emoção ou a imaginação, além de escrever uma mensagem a cada trinta dias (Caldas, 2012); *Henry Butther*<sup>12</sup>, cego (glaucoma). Fotógrafo e Músico premiado (pianista, em Nova Orleans). Um assistente o auxiliou com questões sobre distância do objeto, luz, posição em relação ao que fotografa (Caldas, 2012); *Flo Fox*, visão monocular (congenita). Começou a fotografar aos 13 anos e em 1976 foi declarada oficialmente cega. A esclerose múltipla limitou seus movimentos e passou a fotografar dirigindo a composição, utilizando as mãos de outras pessoas. Seus temas variam entre a cidade, nu e pessoas com deficiência (Caldas, 2012).

**Japão:** *Toun Ishii*, (amaurose). Teve a visão comprometida por volta dos 19 anos. Sua fotografia é monotemática. Ele e a esposa, durante seis anos, iam visitar diariamente o Monte Fuji em diferentes horários. Ela fotometrava e ele dava as orientações de abertura e velocidade da exposição. Com o auxílio de uma lupa potente, fazia as correções necessárias. Ao perder a visão completamente, deixou de fotografar. Retomou depois de ter um cão-guia (Caldas, 2012).

No que se refere a experiências práticas divulgadas na internet, não conseguimos encontrar informações sobre as estratégias utilizadas no ensino da fotografia para

---

<sup>10</sup> Site da WEB para informação sobre Paco Grande <https://goo.gl/a8Ppfy> (19/03/2018)

<sup>11</sup> Site da WEB para o Projeto *With Little Sound*, de Amy Hildebrand <http://withlittlesound.blogspot.com.br/> (08/05/2016)

<sup>12</sup> Site da WEB para Henry Butther <http://henrybutler.com/> (08/05/2016)

pessoas com deficiência visual. Das quatro experiências encontradas, três foram realizadas no estado de São Paulo; e uma no estado do Rio de Janeiro, ambos localizados na região Sudeste do Brasil.

Na cidade de São Paulo, o Programa Igual Diferente, desenvolvido no MAM, disponibiliza cursos gratuitos de diversas modalidades artísticas, convidando o público a fazer e pensar a arte em ambientes criativos e acessíveis a todos. Dentre as diversas atividades desenvolvidas destacamos o curso de fotografia “Imagem e Percepção”<sup>13</sup>, com a Profa. Karina Bacci (2015), que tem como objetivo ampliar a percepção dos participantes com reflexões sobre construção, análise e descrição de imagens por meio de exercícios de criação, como o *lightpainting*, foto-sequência e experiências sensoriais. O curso é inspirado em Bavcar e direcionado a participantes cegos e videntes, discutindo a imagem e a fotografia para além do seu aspecto visual.

A proposta do curso de fotografia é refletir sobre essas relações no ato de fotografar e na leitura da imagem captada, assim, como as relações que a fotografia estabelece com o tempo, luz e a disposição dos objetos. [...] Proporcionar um ambiente favorável para estabelecer relações entre pessoas de realidades díspares que encontram, na fotografia, um interesse em comum (Bacci, 2015, p. 40)

Também na cidade de São Paulo, encontramos a experiência “Alfabetização Visual”<sup>14</sup>, desenvolvida por João Kulcsár. Segundo informações contidas no site, a experiência teve início em março de 2008, após solicitação de dois frequentadores do Espaço Braille do Centro Universitário Senac (Campus Santo Amaro). Em seu site, Kulcsár diz que

o curso desenvolve a fotografia participativa com jovens e adultos com deficiência visual, onde os alunos aprendem a usar a fotografia como meio de expressão criativa e inclusão social, comunicando suas percepções sobre o

---

<sup>13</sup> Site da WEB para o curso Imagem e Percepção, realizado no MAM <http://mam.org.br/curso/imagem-e-percepcao/>, (03/06/2016).

<sup>14</sup> Site da WEB para o Alfabetização Visual [http://www.alfabetizacaovisual.com.br/deficientes\\_visuais/acessibilidade-3/](http://www.alfabetizacaovisual.com.br/deficientes_visuais/acessibilidade-3/) (25/03/2018).

mundo e despertando consciência no público vidente sobre a realidade da comunidade cega. As aulas são planejadas e ministradas pelos educadores, com o apoio de professores, e acontecem semanalmente. Durante o curso foram realizadas saídas fotográficas pela cidade de São Paulo com o objetivo de explorar o tema proposto para estudo.

Na cidade de Piracicaba, dois repórteres fotográficos realizam o curso “Retratos Especiais”. Em entrevista ao portal G1, Cláudio Coradini<sup>15</sup>, coordenador do projeto, refere que um dos objetivos das aulas é desenvolver o olhar fotográfico nos alunos com deficiência visual, onde, com isso, pretende “contribuir para melhora da convivência social deles”.

Na cidade do Rio de Janeiro, encontramos a experiência desenvolvida por Shay Lima<sup>16</sup>. A educadora afirma, no portal Agência Brasil, que

a metodologia do curso é participativa, todo mundo contribui com conhecimento, seja prévio sobre fotografia ou mesmo sobre a vida. Essa construção é feita através de dinâmica, materiais táteis, para que ele possa ter uma percepção por meio do tato, trazendo para a teoria, sobre o que é determinado enquadramento, primeiro plano, segundo plano. [...] O que leva qualquer pessoa a fotografar é você querer guardar momentos, experiências, seja o crescimento de um filho, festas, um casamento, reunião com os amigos, viagem. Mesmo ele não tendo acesso visual a essas fotos, alguém que ver essas fotos vai compartilhar com ele por palavras. É uma lógica de transformar imagens em palavras.

---

<sup>15</sup> Sites da WEB para Retratos Especiais, curso realizado em Piracicaba <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/10/deficientes-visuais-imprimem-olhar-fotografico-em-projeto-de-piracicaba.html> e <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/09/piracicaba-tem-oficina-de-fotografia-gratuita-para-deficientes-visuais.html>, (08/05/2016).

<sup>16</sup> <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-09/curso-no-rio-ensina-deficientes-visuais-fotografar> (08/05/2016).

## 2 METODOLOGIA

O trabalho apresentado, de natureza qualitativa, incide na transformação da realidade (Coutinho, 2005) onde “o investigador reconhece que a relação sujeito-objeto é marcada pela intersubjetividade” (Fortin, 2009, p. 148). Este, é um estudo exploratório-descritivo tendo em conta a sua temática inovadora, relativa à articulação da Fotografia e Deficiência Visual, mais especificamente a cegueira, na qual foram encontradas poucas referências, sendo escassa a base teórica e na medida em que pretende descrever e interpretar conceitos do fenómeno em questão (Duhamel & Fortin, 2009).

O presente estudo tem como questão de investigação “Quais as técnicas e estratégias, criadas ou aperfeiçoadas, para que pessoas cegas possam se expressar por meio da fotografia?”.

De forma a reponder à questão, foram traçados os seguintes objetivos:

- Descrever as técnicas e estratégias utilizadas nas oficinas de fotografia, com participantes com deficiência visual, realizadas em 2009 e 2012, no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC);
- Refletir sobre a criação ou aperfeiçoamento de técnicas e estratégias adequadas a pessoas com deficiência visual que lhes possibilitem expressar-se por meio da fotografia;
- Analisar em que medida uma oficina baseada na adaptação e criação de novas técnicas e estratégias contribui para para que as pessoas com deficiência visual possam se expressar por meio da fotografia.

Para realização da investigação foram tidas em conta as estratégias desenvolvidas e aprimoradas para a produção de imagens fotográficas captadas por pessoas cegas durante as oficinas que foram realizadas pela pesquisadora.

## 2.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo com estratégia de pesquisa-ação (Barbier, 2002; Carmo & Malheiro, 1998; Coutinho, 2011; Coutinho *et al*, 2009), considerando a existência de diferentes ciclos de investigação, “que incluem ação (mudança) e investigação (compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica” (Coutinho *et al*, 2009, p. 360) no qual colaboraram a investigadora, mas também os participantes das oficinas. Portanto, esta pesquisa-ação pode ser enquadrada na modalidade emancipadora, pois, nesta modalidade, a pesquisadora participa na transformação social, atuando como moderadora do processo, com nível de participação colaborativa em parceria com os demais envolvidos (Coutinho *et al*, 2009).

## 2.2 OBJETO E SUJEITO DO ESTUDO

Para obtenção de dados que permitam dar resposta à questão e objetivos de investigação, o presente trabalho teve como objeto de estudo oficinas de fotografia, para pessoas com deficiência visual, realizadas pela pesquisadora em 2009, 2012 e 2017; e sujeito de estudo os participantes da Oficina de fotografia realizada em 2017.

### 2.2.1 Objeto de estudo

Considerando a estratégia de pesquisa-ação do presente trabalho, o objeto de estudo, que assenta no processo de criação e aperfeiçoamento de técnicas e estratégias que auxiliam pessoas cegas a fotografar, é constituído por três grandes fases nas quais decorreram as oficinas básicas de fotografia para pessoas com deficiência visual:

**Primeira Fase | 2009** - Nesta fase foi realizada a primeira oficina no período de 13 de abril a 26 de maio de 2009, com carga horária de 45 horas. Esta formação teve a participação de nove pessoas cegas, sete homens e duas mulheres, com faixa etária de 29 a 55 anos.

Nesta oficina, foram criadas algumas estratégias importantes para a compreensão da composição, enquadramento e planos fotográficos, as quais serão melhor explicadas no capítulo de resultados, quando da descrição das técnicas e estratégias adotadas em oficinas anteriores.

Como produto final, foi feita exposição com as imagens produzidas pelos participantes intitulada “Fotografando com os Sentidos”, ainda hoje disponível na entrada principal do IERC.

Tal experiência foi objeto de estudo de um trabalho de conclusão de curso da especialização em Acessibilidade Cultural, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o título “Não Ver e Ser Visto: uma experiência entre Pontos de Cultura mediada pela Fotografia” (Freitas, 2014).

**Segunda Fase | 2012** - Nesta fase decorreram duas oficinas no período de 24 de abril a 09 de agosto de 2009, também nas dependências do IERC, por iniciativa da pesquisadora em parceria com um Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

As referidas Oficinas tiveram uma carga horária de 30h horas e contaram com a participação de vinte e uma pessoas, com faixa etária diversificada. O público participante tinha como características a cegueira congênita, a cegueira adquirida e baixa visão. Alguns participantes tinham, ainda, deficiência intelectual e um tinha deficiência física (uma das pernas havia sido amputada em decorrência da Diabetes).

Considerando o número de participantes, foram constituídas duas turmas: uma, às terças-feiras, no turno matutino, com seis homens e duas mulheres; e outra, às quintas-feira, no vespertino, com cinco homens e seis mulheres.

Nesta oficina, para além da utilização de algumas técnicas e estratégias adotadas a partir da experiência anterior, foram aperfeiçoadas e criadas novas, de forma a permitir uma melhor compreensão de aspectos técnicos relacionados com a fotografia. À semelhança do ponto anterior, estas alterações e criações serão melhor



desenvolvidas no capítulo de resultados, quando da descrição das técnicas e estratégias adotadas em oficinas anteriores.

**Terceira Fase | 2017** - O estudo e reflexão das técnicas e estratégias utilizadas nas fases anteriores deu origem a uma terceira fase, em 2017, no âmbito do Mestrado em Comunicação Acessível, onde foi realizada uma nova Oficina a “Olhares Compartilhados”.

A Oficina teve uma carga horária de 27 horas, aos sábados, das 8h30min às 11h30min, as quais foram distribuídas em nove encontros de três horas cada: um encontro foi uma aula de campo na Praia de Ponta Negra (um dos principais pontos turísticos da cidade do Natal, capital do RN); e os restantes, no Mercado da Foto, box n. 7, inserido no Mercado Cultural de Petrópolis, localizado no endereço Av. Hermes da Fonseca, 804, 7, Natal – RN (local escolhido em função do fácil acesso por meio de transporte coletivo). Esta oficina teve como objetivos de aprendizagem: localizar temporalmente a presença da fotografia na história da arte; conhecer a produção fotográfica de pessoas com deficiência visual, do Brasil e de outros países; conhecer os planos fotográficos mais utilizados; compor imagens mentais e fotografar; utilizar a regra dos terços; compreender a projeção da sombra a partir da posição da luz; fotografar com máquina digital compacta; fotografar com smartphone; extrair de pessoas videntes informações necessárias para a composição de imagens mentais para serem registradas fotograficamente.

Todas as técnicas e estratégias adotadas, criadas ou aperfeiçoadas serão desenvolvidas em detalhe no capítulo dos resultados.

### **2.2.2 Sujeito de estudo**

De forma a conseguirmos angariar participantes jovens e/ou adultos com cegueira congênita e adquirida para a nossa Oficina, visitamos o IERC e apresentamos nosso projeto de investigação, solicitando a colaboração para encontrarmos tais representantes com as características informadas. A direção da instituição apresentou alguns nomes e entramos em contato, no primeiro momento, por telefone.

Após a sua aceitação de participação na oficina, enviamos, por email, a carta e o consentimento informado (**Anexo 1 | Carta**), e o link do formulário de inscrição para a recolha de dados. Além do envio da carta de explicação do estudo e do consentimento informado, no primeiro encontro, foi feita a leitura da mesma e foi informado que o processo da oficina iria ser, em alguns momentos, filmado, fotografado e gravado em áudio.

Por conseguinte, nosso sujeito de estudo foi constituído por seis pessoas cegas que se disponibilizaram a participar da Oficina.

## **2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS**

Os métodos científicos, segundo Gil (1999), são procedimentos que devem ser seguidos em investigações. Para fins deste estudo, a abordagem, conforme já colocada anteriormente, é de natureza qualitativa, onde analisamos as estratégias realizadas durante as Oficinas de Fotografia para pessoas com Deficiência Visual, nos anos de 2009, 2012 e 2017 e o envolvimento dos participantes na Oficina de 2017.

Fortin (2009), afirma que existem vários métodos de colheita de dados à disposição dos investigadores, e, no âmbito deste estudo, foram utilizadas as seguintes técnicas e respectivos instrumentos: análise documental; inquérito por questionário; e a observação participante com base nos diários de bordo.

### **2.3.1 Análise documental**

A análise documental foi realizada a partir das experiências anteriores, nos anos de 2009 e 2012, referentes às Oficinas de Fotografia para descrever as técnicas e estratégias utilizadas, conforme podem ser conferidas no Capítulo 3 deste trabalho.

Para tanto, foi feita uma análise dos diários de bordo e registros fotográficos destas edições da Oficina, além da referência ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Não Ver e Ser Visto: uma experiência entre Pontos de Cultura mediada pela Fotografia”, do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Freitas, 2014).

### 2.3.2 Inquérito por questionário

Segundo Fortin (2009), o questionário é um dos métodos de recolha de dados onde as questões são elaboradas com o objetivo de obter informação sobre os indivíduos, onde os mesmos podem responde-las, sem assistência. Geralmente, os inquiridos representam uma população e respondem a uma

série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (Quivy e Compenhoudt, 2008, p. 188).

Para tal, e de forma a realizar a inscrição dos participantes para a Oficina, foi criado um formulário no *Google Forms*, com questões de resposta fechada e aberta (Fortin, 2009), o qual também foi utilizado para obtenção de dados úteis à nossa pesquisa. O formulário (**Anexo 2 | Formulário de inscrição**) foi dividido em cinco seções:

#### **Seção 1: Olhares Compartilhados | Oficina de Fotografia para Pessoas com**

**Deficiência Visual.** Esta seção tinha como objetivo a apresentação da Oficina, o agradecimento antecipado pela participação e a disponibilidade dos contatos da investigadora para dirimir eventuais dúvidas que os participantes pudessem vir a ter.

**Seção 2: Dados pessoais e de contato.** Esta seção tinha como objetivo a obtenção de dados pessoais que permitissem o posterior contacto com os participantes.

**Seção 3: Vamos falar sobre você.** Esta seção tinha como objetivo a obtenção de informações sobre o perfil do participante, relativas às questões educacionais, sociais e culturais.

**Seção 4: Sobre a Deficiência Visual.** Esta seção tinha como objetivo a obtenção de informações sobre a cegueira e, no caso da cegueira adquirida, saber há quanto tempo o participante não enxerga.

**Seção 5: Sobre sua relação com a fotografia.** Esta seção tinha como objetivo a obtenção de informações relativas à experiência dos participantes com a fotografia; do

seu conhecimento sobre aplicativos específicos para que pessoas com deficiência visual possam fotografar; e qual a motivação em participar da Oficina.

De forma a garantir o anonimato e privacidade dos participantes, todos os registros pessoais, que de alguma forma os pudessem identificar, foram retirados dos resultados do inquérito por questionário.

### **2.3.3 Observação participante com base em diários de bordo**

A técnica de observação participante é um tipo de abordagem da observação direta, que requer a imersão total do investigador na situação em estudo, permitindo identificar o sentido da situação social. O observador utiliza registros de notas no terreno da investigação, utilizando o diário de bordo. O diário de bordo é um instrumento de caráter predominantemente qualitativo, podendo ser utilizado em vários suportes, seja em de papel, eletrônico, ou multimídia, como vídeos, com vista a ser anotado *a posteriori* (Fortin, 2009). No estudo em questão, tomou-se notas por escrito, e por vídeo em alguns momentos, além do registro de áudio.

## **2.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS**

Com base na literatura supracitada e a partir dos dados obtidos por análise documental, pelo inquérito por questionário e por meio de notas dos diários de bordo e formulário de inscrição da edição da Oficina de 2017, fizemos a seguinte análise:

### **2.4.1 Análise documental**

A análise documental teve como principal objetivo analisar as técnicas e estratégias criadas e/ou adaptadas que permitam pessoas com deficiência visual tirar fotografias. Para o estudo das estratégias e técnicas criadas na Oficina de 2009, foi consultado o trabalho “Não ver e ser visto: Uma experiência entre Pontos de Cultura mediada pela fotografia” (Freitas, 2014) realizado anteriormente pela investigadora no âmbito de uma Especialização em Acessibilidade Cultural na UFRJ.

No que se refere à análise das técnicas e estratégias adotadas na Oficina de 2012, na falta de diários de bordo (uma vez que na época não se previa a investigação) foram analisadas as evidências fotográficas e em registo audiovisual, o que permitiu identificar as melhorias adotadas relativamente à edição anterior.

A exploração dos materiais das oficinas anteriores permitiu a reflexão crítica e identificação dos pontos positivos e menos positivos dos diferentes recursos, o que contribuiu para a criação e/ou adaptação de novas técnicas e estratégias que foram adotadas na Oficina “Olhares compartilhados” de 2017, alvo de investigação deste trabalho.

#### **2.4.2 Análise do Inquérito por Questionário**

Os resultados do inquérito por questionário foram, numa primeira fase, transpostos em bruto para tabela (**Anexo 3 | Respostas ao formulário**), criada automaticamente pelo *Google Forms*. A análise destes resultados permitiu organizar as informações em novas tabelas, constantes no apartado dos resultados, onde se agrupou a informação de acordo com:

**Dados Pessoais.** Que nos permitiam conhecer um pouco os participantes da Oficina “Olhares Compartilhados”.

**Formação, profissão e lazer.** Com o objetivo de compreendermos como os participantes das oficinas passam o seu tempo, quais as atividades, sejam profissionais ou de lazer, em que se encontram envolvidos.

**Utilização das tecnologias.** Que pretendia conhecer um pouco o perfil tecnológico do participante, na medida em que para além da máquina fotográfica, estava previsto a utilização de outras tecnologias (e.g. WhatsApp).

**Relação com a fotografia.** Com o intuito de saber se o participante já teve alguma experiência prévia com a fotografia e qual a sua percepção.

**Motivações e sugestões.** Tinham como grande objetivo analisar o grau de motivação e potencial envolvimento com a Oficina “Olhares Compartilhados”, assim como explorar

se os participantes tinham alguma ideia ou temática que gostassem de ver abordada na referida oficina.

### **2.4.3 Análise do Diário de Bordo**

A partir da análise das observações realizadas no Diário de Bordo (**Anexo 4 | Diário de bordo**), foi criada uma grelha (**Anexo 5 | Análise de conteúdo do diário de bordo**) com seis categorias definidas *a posteriori*, considerando a pertinência das temáticas constantes nos registos originais. A partir destas categorias foi possível identificar os indicadores mais pertinentes, assim como as respectivas unidades de contexto, indo ao encontro do que defendem Bardin (2015) e Amado, Costa e Crusoé (2013) no que se refere à análise de conteúdo.

**Categoria | Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).** Esta categoria apresenta quatro indicadores: WhatsApp para gestão de Encontros; WhatsApp para partilha de informação sobre os encontros; Skype; Drive do Google.

**Categoria | Dinâmicas da Oficina.** Esta categoria apresenta treze indicadores: Convidados em sessão presencial; Convidados em sessão síncrona; Exploração de recursos; Balanço da Oficina; Ambiente ativo e descontraído; Exercícios práticos nos encontros; Exercícios práticos fora dos encontros; Descrição e análise de fotografias tiradas pelos participantes; Estratégias para explicação da luminosidade e formação da sombra; Aulas de campo; Utilização dos sentidos; Fotografia mental; Relação da regra dos terços com o teclado do celular.

**Categoria | Dificuldades dos participantes.** Esta categoria apresenta cinco indicadores: Posicionamento da câmara; Luminosidade; Dimensão real dos objetos/pessoas/cenários; Dificuldade ou impossibilidade de participação por falta de acessibilidade; Falta de conhecimento de alguns colaboradores videntes;

**Categoria | Necessidades identificadas.** Esta categoria apresenta três indicadores: Ter uma pessoa vidente ao lado; Treino; Representação das fotografias em relevo com carretilha.

**Categoria | Sentimentos dos participantes.** Esta categoria apresenta quatro indicadores: Ansiedade e receio dos obstáculos em fotografar; satisfação; Interessante; e Auto-estima.

**Categoria | Sugestões de melhorias.** Esta categoria apresenta sete indicadores: Descrições realizadas pelos colaboradores feitas gradualmente; Aula de campo realizada em grupo de dois participantes; Abertura das inscrições (participação) de pessoas videntes; Ensaio fotográfico de objetos; Utilização de equipamento pessoal; Software/aplicativos acessíveis; Complemento de informação teórica.

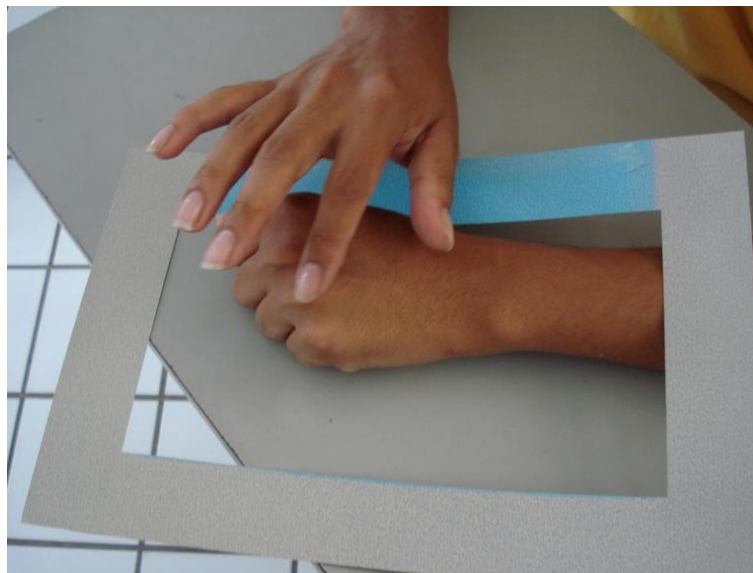
## 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

### 3.1 TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS DE FOTOGRAFIA PARA PESSOAS CEGAS

O presente capítulo tem como intuito descrever as técnicas e estratégias que auxiliem ou colaborem no entendimento de pessoas com deficiência visual para o ato de fotografar.

#### 3.1.1 Primeira Fase | 2009

Dos recursos utilizados, além das dinâmicas, muitos diálogos e exercícios práticos, trabalhamos com molduras de cartolina, tamanho A4, conforme a **Figura 1**, que tinham como principal objetivo possibilitar ao participante a compreensão do que é enquadramento. A moldura o auxilia a compreender o enquadramento como uma “imagem que contém determinado campo visto sob determinado ângulo e com determinados limites exatos” (Aumont, 2004, p. 153).



**Figura 1** - Moldura de cartolina para exercício de enquadramento

Foto: Teotônio Roque, 2009. Fonte: Freitas, 2014

A moldura colabora na compreensão de que a imagem é registrada de forma retangular e que ela limita, como uma fronteira, o que está dentro e o que está fora do quadro, ou seja, aquilo que está sendo enquadrado para ser fotografado.



A experiência nos mostrou que o material para a moldura pode ser mais rígido, pois, ao ergue-la, ela se curva, obrigando a utilização das duas mãos para segurá-la mais firmemente. Nesta oficina, um dos participantes quis colocar a moldura à frente do rosto de um colega, de forma a explorar com a outra mão, contudo, teve dificuldade uma vez que a cartolina não era tão rígida a ponto de deixar a moldura erguida.

Para o entendimento do enquadramento, no que se refere à utilização da regra dos terços, foi importante pensar em soluções táteis, que permitissem ao participante ter noção da divisão do espaço, assim como da localização dos pontos de ouro. Neste sentido, foi criada uma alternativa fixada na superfície plana e retangular das carteiras, onde foi utilizado barbante e fita adesiva, conforme exemplifica a **Figura 2**.



**Figura 2** - Regra dos terços adaptada com barbante

Foto: Andrea Gurgel, 2009. Fonte: Freitas, 2014.

A regra dos terços em relevo com barbante fixada à carteira auxiliava na compreensão da composição do que se objetivava fotografar ou que o que já havia sido fotografado. No entanto, para as imagens verticais o processo tornava-se mais difícil por ser fixa em uma superfície horizontal, posicionada à frente de cada participante - a mesa da carteira. Para amenizar a dificuldade pedia-se que quando houvesse a necessidade, o participante se posicionasse na lateral, para que assim pudesse perceber a composição de forma vertical.

Para o ato de fotografar, orientamos que tivessem atenção e percebessem a “comunicação” da máquina com o fotógrafo. O foco, representado visualmente por uma bolinha verde no ecrã, tem um sinal sonoro que pode ser ativado/desativado através do menu da câmara, assim como também é possível ativar o alerta sonoro do obturador ao fotografar.

De forma a facilitar o processo de fotografar sugeriu-se o posicionamento da câmara na altura dos olhos, e sua utilização no modo automático, sem a utilização do zoom, pois a aproximação ou distanciamento do assunto a ser fotografado deveria ser realizado pelo participante. Estas estratégias permitem que não haja perda da referência do que se objetiva registrar.

Para a compreensão e construção de planos fotográficos (Close - do busto para cima; Médio - da cintura para cima; Americano - do joelho para cima; Inteiro; Frontal; Perfil; Plongée - de cima para baixo; Contra-plongée - de baixo para cima) o corpo foi o instrumento de referência para medir a distância entre o fotógrafo e a pessoa que estava sendo fotografada. A partir de atividades realizadas em dupla, testando a distância do braço e passos para trás, o participante produzia duas fotografias, uma na horizontal e outra na vertical, que permitiram identificar distâncias corporais de referência para planos fotográficos (**Quadro 1**).

**Quadro 1** - Distância corporal de referência para planos fotográficos

<b>Distância corporal <math>\cong</math></b>	<b>Câmera na horizontal</b>	<b>Câmera na vertical</b>
1 braço	Close	Close
1 braço + 1 passo para trás	Médio	Médio
1 braço + 2 passos para trás	Médio	Americano
1 braço + 3 passos para trás	Americano	Inteiro
1 braço + 4 passos para trás	Inteiro	Inteiro

Fonte: elaboração própria, 2009 (Freitas, 2014)

A utilização desse recurso de aproximação e distanciamento, para a construção de planos fotográficos, auxilia a compreensão do que está sendo enquadrado pelo visor da câmara. No entanto, é preciso levar em consideração o ângulo de cada

equipamento e lente utilizados. Chegou-se à conclusão dos ângulos disponíveis no **Quadro 1**, a partir da experimentação e da tentativa/erro com a utilização de uma máquina compacta digital amadora, modelo Sony Cyber-Shot DSC W-70, de 7.2 Mega Pixels (MP).

A **Figura 3** ilustra a manipulação da máquina fotográfica ao nível dos olhos e distanciamento corporal que permite a participante fotografar de acordo com o plano pretendido.



**Figura 3** - Distância estimada pelo corpo de quem fotografa

Foto: Andrea Gurgel, 2009. Fonte: Freitas, 2014

Após cada atividade prática, as máquinas eram conectadas a uma TV de 29", disponibilizada no local da oficina, para que pudéssemos visualizar as imagens com maiores detalhes, descrevê-las e depois comentá-las coletivamente, pois tal como Bacci (2015 p.52) acreditamos que

por meio da realização e da descrição das fotos, uma pessoa destituída da visão enriquece a memória e o imaginário, e se apropria melhor de sua relação com os espaços e as pessoas. [...] acredito que uma pessoa que não enxerga possa fotografar para diferentes fins e produzir imagens tendo o controle técnico para construir a foto conforme sua intenção.

### 3.1.2 Segunda Fase | 2012

Nesta segunda fase incentivamos o uso da máquina fotográfica sem sua apresentação prévia, pois havíamos percebido muita ansiedade dos participantes. Desta forma, as funcionalidades da máquina foram apresentadas sequencialmente, à medida em que iam utilizando e surgiam curiosidades e perguntas.

Considerando as reflexões relativas à primeira fase, algumas estratégias foram mantidas, por terem bons resultados com os participantes, enquanto outras tiveram de ser aperfeiçoadas.

No que se refere à construção dos planos fotográficos, uma vez que as máquinas eram as mesmas, não houve muita diferença em relação às distâncias corporais pré-estabelecidas (por considerarmos valores aproximados), pelo que não houve necessidade de reajuste.

Já no que concerne à explicação da regra dos terços que, por ser fixa à mesa retangular e horizontal da carteira, não favorecia o entendimento e a montagem da imagem vertical, houve a necessidade de pensar em outra alternativa em que o participante pudesse girar, deixando-a na horizontal ou vertical, pelo que evoluiu de fixa para móvel.

Para tanto, fizemos molduras rígidas com Fibra de Media Densidade, mais conhecida como MDF (*Medium Density Fiberboard*), um tipo de fibra de madeira, onde as linhas da regra dos terços foram feitas com elásticos envolvidos na moldura (**Figura 4**).

Esta moldura funcionava bem para vertical e horizontal, contudo, por ser vazada, não favorecia o entendimento quando havia a necessidade de “montar” a imagem descrita, com as figuras recortadas em material feito com a Espuma Vinílica Acetinada (E.V.A).

Nesta fase foi criada uma estratégia que consistiu no recorte, em E.V.A, da silhueta do corpo humano e de círculos com três tamanhos diferentes, que representavam a cabeça, de forma a permitir que os participantes pudessem exercitar a composição da imagem, o plano trabalhado na moldura disponibilizada.



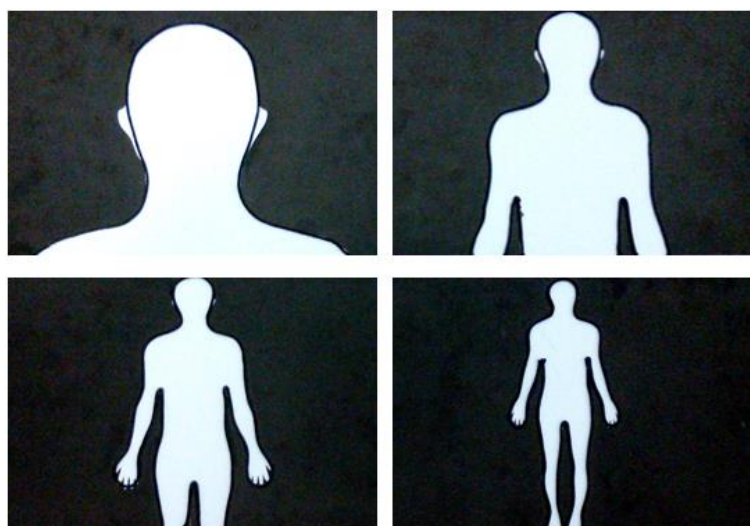
**Figura 4** - Regra dos terços com elásticos em moldura de MDF e silhueta do corpo humano em E.V.A.

Foto: Andrea Gurgel, 2012

### **3.1.3 Terceira Fase | 2017**

Para realização da “Olhares Compartilhados” ao público com cegueira, foi preciso nos dedicarmos às produções da adaptação tátil de alguns recursos para auxiliar a compreensão do conteúdo ministrado.

Tendo como referência o corpo humano e o enquadramento na posição horizontal, foram impressos alguns planos fotográficos (close, médio, americano e inteiro) em plástico adesivo, colado a uma base rígida tamanho A4, sendo a silhueta contornada com cordão acetinado, fixado com cola fria de silicone (**Figura 5**).



**Figura 5** - Planos fotográficos em relevo com cordão acetinado

Foto: Andrea Gurgel, 2017

Durante a realização, sentiu-se a necessidade de ter os planos representados, também, em posição vertical. Os planos em relevo auxiliaram na compreensão do enquadramento em relação à distância da pessoa que se objetiva fotografar, como ilustra a **Figura 6**.



**Figura 6** - Utilização do plano em relevo em relação à distância da pessoa a ser fotografada

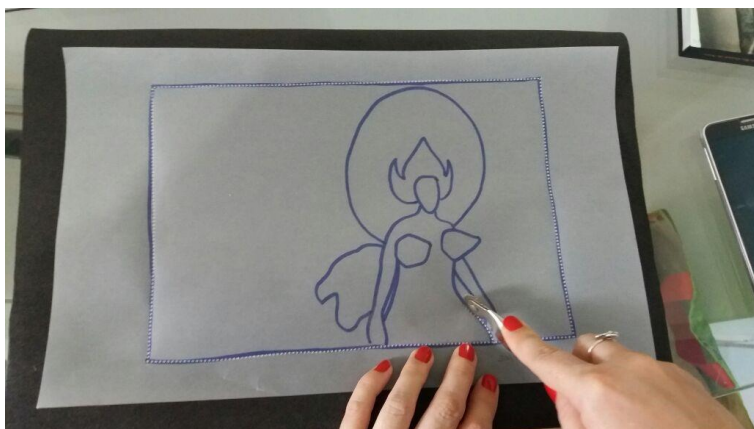
Foto: Teotônio Roque, 2017

Para poder apresentar aos participantes algumas imagens produzidas por fotógrafos/as com deficiência visual, tais como Teco Barbero e João Maia (Brasil); Amy Hildebrand, Flo Fox e Henry Butler (EUA); Evgen Bavcar (Eslovênia); e, Toun Ishii (Japão), foi necessário realizar algumas adaptações táteis.

Sendo assim, as principais linhas das respectivas fotografias foram contornadas com hidrocor sobre papel vegetal, e transformadas em relevo com carretilha. Como exemplo desta técnica, a **Figura 7** apresenta uma foto original de Henry Butler, enquanto a **Figura 8** ilustra o processo de adaptação em relevo com carretilha em papel vegetal e a **Figura 9** permite ver com detalhe a adaptação da foto.



**Figura 7** - Fotografia por Henry Butler



**Figura 8** - Adaptação em relevo com carretilha em papel vegetal

Foto: Teotônio Roque, 2017





**Figura 9** - Detalhe do relevo com carretilha

Foto: Andrea Gurgel, 2017

O recurso de relevo com carretilha é de baixo custo e atende rapidamente à grande parte das necessidades para adaptação de imagens. No entanto, para algumas fotografias produzidas, sentiu-se a necessidade de que a adaptação em relevo fosse por preenchimento e não por contorno. A carretilha não é adequada para preenchimento pois a proximidade dos pontos danifica o papel e não facilita a compreensão do que está representado pela quantidade excessiva de pontos. Como forma alternativa, optou-se por utilizar outro recurso tátil para exemplificar o “como” a planta foi representada na fotografia, como ilustra a **Figura 10**.



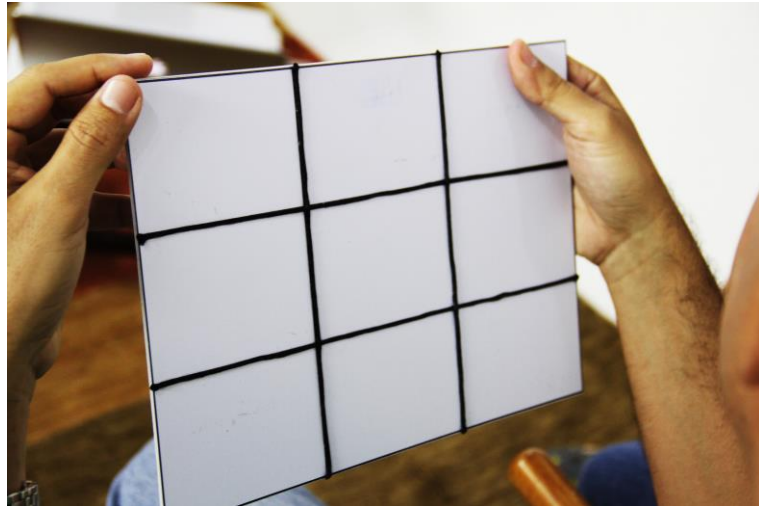
**Figura 10** - Recurso tátil alternativo

Foto: Andrea Gurgel, 2017

Uma vez que a moldura de explicação da regra dos terços, utilizada na fase anterior, apresentava algumas lacunas, dificultando a compreensão espacial devido à sua junção



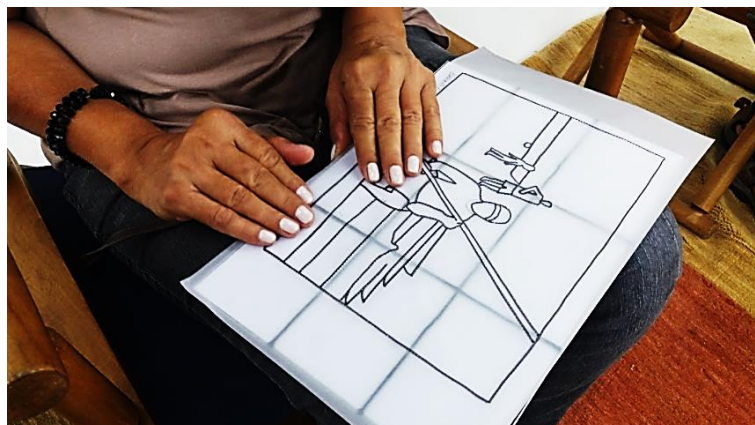
com a moldura vazada, foi necessário aperfeiçoar esta ferramenta. Desta forma, foi utilizada uma placa rígida na qual foi colado, com silicone, um cordão acetinado, que permitiu que as pessoas identificassem a divisão do espaço em terços, assim como os pontos de ouro (**Figura 11**).



**Figura 11** - Regra dos terços 'móvel' e em relevo, com cordão acetinado

Foto: Teotônio Roque, 2017

Para a compreensão dos planos fotográficos, tornou-se necessário utilizar a carretilha para a representação em relevo das imagens produzidas. A junção da regra dos terços na base rígida junto com a resistência e transparência do papel vegetal e com o contorno da imagem em relevo, contribuiu bastante, e de forma rápida, para a compreensão da composição do que foi fotografado, conforme ilustra a **Figura 12**.



**Figura 12** - Imagem em relevo com carretilha sobre placa da regra dos terços

Foto: Teotônio Roque, 2017

A Oficina “Olhares Compartilhados” é um espaço de discussão coletiva. Em qualquer encontro, as pessoas envolvidas, sejam os colaboradores ou os participantes, têm a liberdade de apresentar propostas ou ideias que possam auxiliar ou aprimorar as técnicas ou estratégias.

Nesta terceira fase ficou clara a necessidade de haver um diálogo entre fotógrafo cego e o guia vidente, seja este último modelo ou apenas guia. O P3 sugeriu que o fotógrafo cego, consciente de “como” e “o que” deseja registrar, deve direcionar o olhar do vidente, para que ele descreva o que vê, por partes, como uma regra dos terços. Este participante (P3) sugeriu, ainda, a utilização de uma moldura com a regra dos terços, como a que foi utilizada na segunda fase, numa sequência da esquerda para a direita e de cima para baixo, como um *scanner*. Em complementaridade ao pensamento do colega, P5 sugeriu que a regra fosse enumerada, como um teclado de telefone, pois é algo muito comum, também utilizado por pessoas cegas, o que facilitaria a compreensão do que está sendo visto, segundo o participante (**Figura 13**).

1	2	3
4	5	6
7	8	9

**Figura 13** - Regra dos terços enumerada como um teclado de telefone.

Fonte: Elaboração própria

Para exemplificar sua proposta, P5 descreveu uma das suas fotografias que foi selecionada para a exposição (**Figura 14**). A partir da representação tátil feita com carretilha, colocada sobre a placa com a regra dos terços, também em relevo, P5 disse:

No ponto sete tem um barco com a ponta no ponto de ouro quatro, cinco, sete e oito, certo? A ponta do barco. A parte dos tambores, que estão em cima do barco, ela tá toda no quatro. O mar, o mar, ele está no ponto, passando... a ponta do barco, ela tá no mar, certo? E aí, o mar vai até... ele passa na linha cinco, oito, seis e nove, certo? Embaixo. Em cima, é pra ser o mar e o céu, que não tem representação nenhuma. E no ponto oito e nove, embaixo, eu acho que é areia da praia, né, que o mar tá aqui. Deve ser areia com as espuminhas. Céu: seis, cinco, quatro, três, dois e um. Céu.



**Figura 14** - Fotografia por P5, 2017

Nesta fase, experimentamos exercícios para a compreensão da luz e, consequentemente, a formação da sombra. Para tanto, utilizamos uma luz quente para que a mesma fosse perceptível por meio do calor, além de um boneco articulado de madeira, barbante e fita adesiva.

A iluminação foi direcionada para um boneco fixado em uma mesa de centro. A sua sombra variava de acordo com o posicionamento da fonte de luz e a mesma era contornada com barbante, fixado com fita adesiva em vários pontos. Para que os participantes pudessem perceber as distorções a partir do ângulo e distância da fonte de iluminação, conforme **Figura 15** e **Figura 16**.

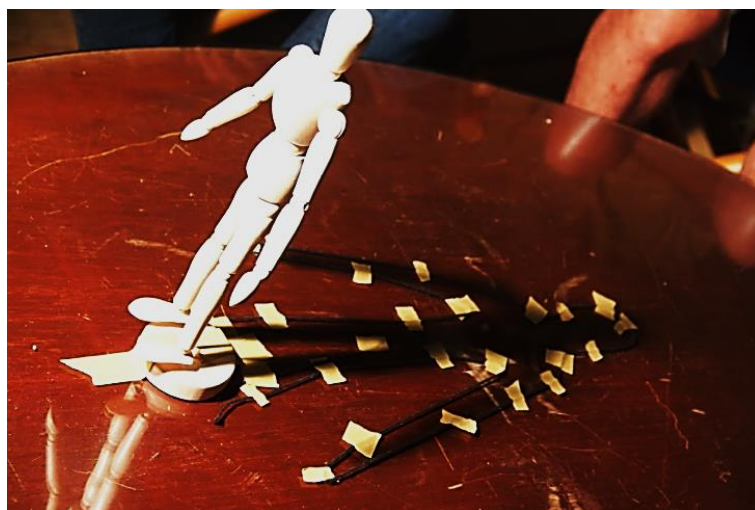
Tal vivência possibilitou compreender o posicionamento do sol, ou outra fonte de luz que seja perceptível pela temperatura, e a formação de sombras em pessoas que venham a ser fotografadas. Contudo, ressaltamos que se pode experimentar utilizar

algum tipo de cordão que seja auto-colante para que o contorno da sombra seja realizado de forma mais rápida e “limpa”.



**Figura 15** - Explicação sobre a luz e formação da sombra

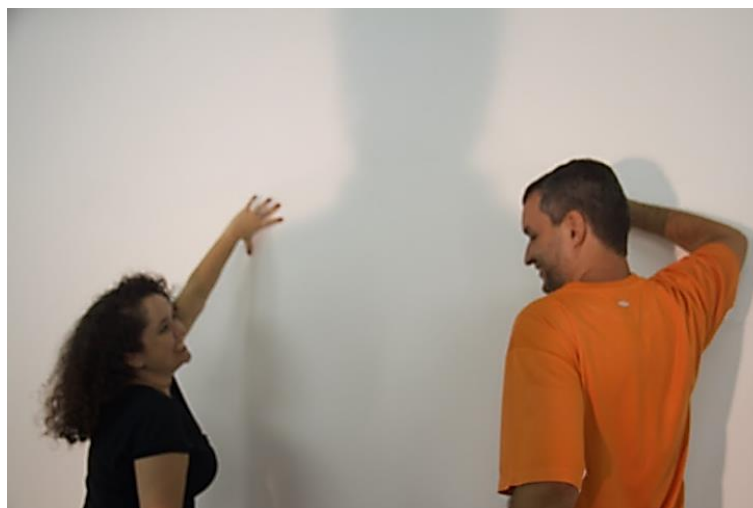
Foto: Teotônio Roque, 2017



**Figura 16** - Contorno da sombra com barbante e fita adesiva

Foto: Teotônio Roque, 2017

Partindo deste ponto, ampliamos consideravelmente a projeção da sombra, utilizando a parede do estúdio e os próprios participantes como modelos. Enquanto um participante se posicionava em frente à luz e sua sombra era projetada, outro participante estava próximo à parede com a mediadora para perceber, tatilmente, toda a extensão, compreendendo que o tamanho dela nem sempre é o natural, como mostra a **Figura 17**.



**Figura 17** - Projeção, ampliação e exploração da sombra de um participante na parede

Foto: Teotônio Roque, 2017

## **3.2 OLHARES COMPARTILHADOS: OFICINA DE 2017**

### **3.2.1 Caracterização dos participantes**

#### **Dados pessoais**

O **Quadro 2** sintetiza os dados pessoais dos elementos que constituíram a oficina “Olhares Compartilhados”, a qual contou com a participação de um grupo de seis pessoas com faixa etária entre 29 e 63 anos, sendo, duas mulheres e quatro homens. Três participantes têm cegueira congênita enquanto que os outros três têm cegueira adquirida. No que se refere aos participantes com cegueira adquirida, é de destacar que dois deles perderam a visão já em idade avançada (P2 aos 31 anos e P6 aos 27 anos), tendo uma noção diferente do mundo que os rodeia.

Dos seis participantes, um é solteiro e vive sozinho, enquanto que os demais são casados e vivem com o cônjuge e em alguns dos casos com outros membros familiares.

**Quadro 2** - Dados pessoais dos participantes

Participante	Idade	Gênero	Cegueira	Idade que perdeu a visão	Estado civil	Com quem vive
<b>P1</b>	29	Masculino	<b>Congênita</b> Retinopatia da prematuridade	Não aplicável	Casado/a	Mãe, Esposa/Marido
<b>P2</b>	52	Feminino	<b>Adquirida</b> Catarata e glaucoma	Perdeu a visão aos 31 anos de idade	Casado/a	Pai, Irmãos e/ou irmãs, Esposa/Marido
<b>P3</b>	63	Masculino	<b>Congênita</b> Cegueira legal	apresentou resíduo visual até os 24 anos de idade	Casado/a	Esposa/Marido, Filhos/as
<b>P4</b>	43	Masculino	<b>Adquirida</b> Uceração do globo ocular	Perdeu a visão aos 3 anos de idade	Solteiro/a	Sozinho/a
<b>P5</b>	41	Masculino	<b>Congênita</b> Atrofia do nervo ótico	Não aplicável	Casado/a	Esposa/Marido
<b>P6</b>	36	Feminino	<b>Adquirida</b> Descolamento de retina e degeneração macular miópica	Perdeu a visão aos 27 anos de idade	Casado/a	Esposa/Marido

Fonte: elaboração própria

### Formação, profissão e lazer

De acordo com a informação disponível no **Quadro 3**, nota-se que de uma forma geral os participantes que constituíram a oficina têm altas habilitações, dois concluíram o Ensino Médio, três são graduados e um possui especialização. Atualmente dois não trabalham, enquanto que quatro exercem atividades laborais.

No que se refere a atividades de lazer, os participantes podiam escolher mais do que uma opção, é de destacar que quatro deles refere gostar de ficar em casa a assistir TV, filmes ou séries e um refere a leitura de audiolivros. Esta informação remete-nos para a necessidade apostar de cada vez mais em produtos acessíveis que permitam a todos usufruir da cultura.

**Quadro 3** - Habilitações académicas, emprego e atividade de lazer

Participante	Escolaridade	Empregado	Atividades de lazer
P1	<b>Graduação</b> Licenciatura em Geografia	Sim	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Saio com familiares e/ou amigos/as
P2	Ensino Médio	Sim	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Saio com familiares e/ou amigos/as
P3	<b>Graduação</b> Bacharel em Direito	Não	Vou à praia, Saio com familiares e/ou amigos/as, Leio audiolivros
P4	Ensino Médio	Não	Ouço música
P5	<b>Graduação</b> Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Sim	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Saio com familiares e/ou amigos/as
P6	<b>Especialização</b> Curso de Qualificação de Professores na Area da Deficiência Visual	Sim	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Saio com familiares e/ou amigos/as

Fonte: elaboração própria

### Utilização de Tecnologias

Para compreender o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e propor a utilização destas tecnologias durante a oficina, os participantes foram questionados relativamente a esta temática.

O **Quadro 4** permite ver que em relação ao acesso à internet, cinco pessoas afirmaram ter acesso, enquanto uma referiu não ter. Apesar do acesso à Internet, apenas três pessoas referiram utilizar a rede social Facebook, enquanto um dos participantes mencionou, também, a utilização do Twitter.

Considerando a possibilidade de criação de um grupo no WhatsApp, que permite a otimização da informação, gestão de sessões e partilha de informação, questionou-se os participantes se possuíam conta neste serviço e se concordavam com a criação do grupo. As respostas foram positivas, com exceção de um participante que não tinha esta aplicação, nem tampouco acesso à Internet, mas que concordava com a criação do grupo.

**Quadro 4 - Utilização de TIC**

Participante	Acesso à Internet	Utilização de redes sociais	Utilização de WhatsApp e concordância na criação de um grupo
P1	Sim	Sim Facebook	Sim Concorda com a criação do grupo
P2	Sim	Não	Sim Concorda com a criação do grupo
P3	Não	Não aplicável	Não tem
P4	Sim	Sim Facebook e Twitter	Sim Concorda com a criação do grupo
P5	Sim	Não	Sim Concorda com a criação do grupo
P6	Sim	Sim Facebook	Sim Concorda com a criação do grupo

Fonte: elaboração própria

Uma vez que na fase inicial se previa a utilização dos *smartphones* para fotografia, tornou-se importante questionar os participantes relativamente à utilização de leitor de tela nestes dispositivos, assim como se conhecem algum aplicativo de apoio à fotografia.

O **Quadro 5** permite visualizar que com exceção do P3, os restantes utilizam leitor de tela no *smartphone*, sendo o mais utilizado o *Talk Back*. No que se refere a aplicações de apoio à pessoa com DV, para o ato de fotografar, apenas dois participantes referiam conhecer. Enquanto P2 refere “vários”, mas não menciona nenhum aplicativo, P4 especifica o próprio *iPhone* (na medida em que é um dispositivo que já considera por natureza várias opções de acessibilidade) e o aplicativo original de câmara do *Google*. Apesar do *iPhone* ter sido citado como um aparelho que oferece recursos de acessibilidades que auxiliam pessoas cegas a fotografar, nenhum participante, colaborador ou mesmo a pesquisadora, possuíam esta marca de *smartphone*, de forma a explorar as suas funções. Todos os participantes e demais envolvidos possuíam aparelho com sistema Android.



**Quadro 5 - Tecnologias de apoio à fotografia**

Participante	Utilização de leitor de tela no smartphone / qual(ais)	Aplicativos que auxiliem pessoas com DV a fotografar/qual(ais)
P1	Sim Shine Plus	Não
P2	Sim Talk Back	Sim Vários
P3	Não aplicável	Não
P4	Sim Talk Back	Sim iPhone (não precisa de aplicativo); Aplicativo original de câmera do Google.
P5	Sim Talk Back	Não
P6	Sim Talk Back	Não

Fonte: elaboração própria

### **Relação com a fotografia**

No que se refere à relação que estes participantes têm com a fotografia (antes da Oficina), de acordo com o **Quadro 6**, apesar de três participantes afirmarem nunca ter fotografado, é de destacar que os restantes afirmaram já ter tido experiências com fotografia de pessoas e paisagens (P1, P3), obstáculos (P3) e objetos (P4). Estes participantes, que informaram ter experiência em fotografar, já foram alunos das Oficinas realizadas em 2009 (P3 e P4) e 2012 (P1) e apesar de fotografarem, não divulgam suas produções fotográficas.

Outro ponto que também nos chama atenção neste Quadro é que P2 e P6, apesar de terem perdido a visão em idade adulta, não utilizam a fotografia, enquanto que outros participantes, com cegueira congênita, fazem uso desta linguagem. Enfatizamos que P2, mesmo tendo perdido a visão aos 31 anos, diz nunca ter fotografado, o que nos permite entender que, mesmo quando vidente, nunca havia experimentado fotografar.

**Quadro 6 - Relação com a fotografia**

Participante	Experiência com Fotografia/dispositivo utilizado	O que costuma fotografar	Dificuldades
P1	Sim Máquina fotográfica	Pessoas e paisagens	AS dificuldades são as seguintes: Compreender o comportamento da luz sobretudo a sua projeção. Encontrar pessoas videntes habilitada a orientar uma pessoa cega a fotografar em sua maioria não conseguem ouvir a imagem mental que foi pensada pelo deficiente visual.
P2	Não	Não aplicável	Todas, nunca fotografei.
P3	Sim Máquina fotográfica e Celular/Smartphone/Tablet	Obstáculos, pessoas e paisagens	Não aplicável
P4	Sim Celular / Smartphone / Tablet	Objetos	Saber se o enquadramento que estou fazendo, condiz com a ideia buscada na fotografia.
P5	Não	Não aplicável	Não aplicável
P6	Não	Não aplicável	Não sei o posicionamento, na realidade as vezes que fotografei a pessoa posicionou e eu apenas executei a tarefa

Fonte: elaboração própria

No que concerne à identificação de potenciais dificuldades para fotografar, P3 e P5 referiram não sentir. É importante registrar que P3, antes de ser aluno da Oficina em 2009, já tinha experiência em fotografar e talvez por esse motivo tenha respondido não sentir dificuldades. Nos chama a atenção que o mesmo participante, selecionou esta alternativa enquanto recurso para a prática fotográfica. Esta resposta pode ter sido engano ou ter considerado o *tablet* em vez do *smartphone*, ou, eventualmente, a sua experiência com máquina fotográfica compacta lhe faça sentir segurança para indicar a utilização de aparelhos que não fazem parte do seu cotidiano. Já P5 informou nunca ter fotografado, razão pela qual pode ter referido não ter dificuldades, na medida em que ainda não experimentou.

Os restantes participantes apresentam algumas dúvidas no que se refere ao enquadramento (se o que deseja fotografar está de fato sendo enquadrado pela câmera); ao comportamento da luz; à dificuldade de encontrar uma pessoa vidente com conhecimento acerca da fotografia, com disponibilidade de, pelo menos, ouvir a imagem mental criada pela pessoa cega.

## Motivações e sugestões

Na fase final do formulário optamos por questionar aos interessados as motivações que tinham em participar da Oficina, assim como as sugestões que poderiam apresentar (**Quadro 7**).

No que se refere às motivações destaca-se a vontade de adquirir mais conhecimentos (P1, P2, P3, P4 e P5). Contudo, é de salientar, também, a necessidade de colaborar em estudos sobre novas metodologias a aplicar em pessoas com deficiência visual (P1), assim como a proatividade dos participantes “Mais uma nova experiência” (P6), fatores estes, essenciais para um trabalho desta natureza, na medida em que possibilitam testar formas de melhorar a acessibilidade a pessoas cegas.

**Quadro 7** - Motivação para participar na Oficina e sugestões

Participante	Motivações	Sugestões
P1	Conhecer o universo visual e colaborar no desenvolvimento de metodologias para serem aplicadas com deficientes visuais.	Além de compreender o comportamento da luz e perceber a textura da imagem, é um grande desafio pensar que a textura aparece nas fotografias. Acrescentamos as sugestões o conceito de perspectiva com auxílio de objetos concretos para demonstrar o fenômeno.
P2	Curiosidade, aprender novas tecnologias.	Sem sugestões
P3	Adquirir mais conhecimentos.	Registrar obstáculos de barreiras arquitetônicas em espaços públicos e edificações, incluindo inclusive, os transportes.
P4	busca de conhecimento.	fotografar em ambiente aberto.
P5	Compreender os princípios da fotografia para poder fazer fotos quando necessário.	Fica a critério do professor.
P6	Mais uma nova experiencia, e também para ajudar a pessoa no seu trabalho	Estou livre.

Fonte: elaboração própria

Ao nível de sugestões, para além de algumas estarem relacionadas com questões técnicas tais como a luminosidade, texturas ou perspectivas (P1), outras relacionam-se com a a fotografia de obstáculos físicos (P3) e com a fotografia em espaços abertos (P4). É de evidenciar que P2 não apresenta sugestão, talvez por ainda não ter

experimentado a fotografia, ao passo que o P6, apesar de ter referido já ter experimentado, mantém-se “livre” para novas aprendizagens.

### 3.2.2 Ponto de vista dos intervenientes (participantes e investigadora)

#### Assiduidade dos participantes

O **Quadro 8** demonstra as datas dos encontros com a assiduidade de cada participante, sendo a presença representada em cor verde e a ausência com a cor laranja. O espaço em branco, sinalizado por “-” indica os que os participantes P3 e P6 não estiveram presentes na aula de campo (AC) do dia 25/02 por incompatibilidade de agenda. De forma a permitir que estes participantes pudessem vivenciar a atividade, foi agendada outra aula de campo apenas para eles, no dia 11/03, não tendo esta sido contabilizada na carga horária da Oficina.

Em relação à frequência, P1, P2 e P5 participaram de todos os encontros, atingindo 100% da presença; P3 participou de sete encontros, com 77,77% da presença; P4, em seis encontros, com 66,66% da presença; e P6, com apenas três encontros, em 33,33% da presença, por ter tido problemas de saúde e por sentir dores nos olhos em decorrência da alta pressão ocular.

**Quadro 8** - Cronograma dos encontros e presenças dos/as participantes

Participante	14/01 Sáb.	28/01 Sáb.	04/02 Sáb.	11/02 Sáb.	18/02 Sáb.	25/02 Sáb. AC	04/03 Sáb.	18/03 Sáb.	17/06 Sáb.	Presença
P1										100%
P2										100%
P3						-				77,77%
P4										66,66%
P5										100%
P6						-				33,33%

Fonte: elaboração própria

## **Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)**

Utilizamos o *WhatsApp* como ferramenta para otimizar a comunicação entre mediadora, participantes e colaboradores. A utilização do aplicativo foi definida a partir da aprovação em uma pergunta disponibilizada no inquérito por questionário/formulário de inscrição. Após a aprovação de todos, criou-se o grupo “Olhares Compartilhados” para a gestão dos encontros da Oficina, assim como para partilha de informação pertinente sobre fotografia. Para o participante que não utilizava *smartphone* e o respectivo aplicativo, os informes eram passados por chamada telefônica, sendo, desta forma, garantida a acessibilidade a todos os participantes.

No decorrer da Oficina houve um momento de entrevista com o Teco Barbero, um fotógrafo com baixa visão. Na impossibilidade de deslocamento às instalações onde decorreu a Oficina, por residir no estado de São Paulo, na região Sudeste do Brasil, foi feita uma reunião virtual, através do sistema de videoconferência *Skype*, onde todos os participantes tiveram a oportunidade de ouvir e colocar questões a Teco Barbero.

Com o decorrer das atividades, algumas das sessões pressupunham a realização de trabalhos autônomos, pelo que houve necessidade de utilização do *Drive* do *Google* para que os participantes pudessem salvar as imagens produzidas em pastas nominais.

Ainda que a Oficina “Olhares Compartilhados” tivesse como objetivo trabalhar com a fotografia, na realidade permitiu novas aprendizagens e desenvolvimento de outras competências, no presente caso ao nível tecnológico.

## **Dinâmicas da Oficina**

Durante todos os encontros, tivemos a presença e colaboração de Teotônio Roque, fotógrafo e presidente da Olhares (colaborador em todas as edições das Oficinas).

Para permitir um melhor contato com a realidade existente, tivemos sessões com convidados externos, nomeadamente com Henrique José, fotógrafo, professor de fotografia em uma universidade particular e proprietário do Mercado da Foto, local onde a Oficina aconteceu. Para além de nos contextualizar suas experiências ao nível

fotográfico (2º encontro, Investigadora), explicou o comportamento e propriedades da luz (5º encontro, Investigadora).

Assim como Caldas (2012), consideramos importante a apresentação de trabalhos de fotógrafos cegos ou com baixa visão, o que permitiu aos participantes conhecerem o trabalho de fotografia que outras pessoas com DV fazem. Conforme já mencionado anteriormente, realizamos uma conversa virtual, por *Skype*, com Teco Barbero, fotógrafo com baixa visão (2º encontro, Investigadora). Na ocasião, Teco falou da sua deficiência, da sua graduação em jornalismo, da atuação como fotógrafo e do seu processo de fotografar. Inicialmente, também havíamos planejado a participação de João Maia, fotógrafo, também com baixa visão, que registrou as Paralimpíadas no Brasil. Contudo, em decorrência de alteração no cronograma da Oficina, não foi possível a participação de João Maia, por estar viajando.

Todos os participantes experimentaram as diferentes opções das câmeras fotográficas e *smartphones*, de forma que pudessem compreender as funcionalidades básicas dos dispositivos (1º encontro, Investigadora). Tornou-se, também, importante explicar a evolução da fotografia, para tal foram utilizadas máquinas fotográficas diversas, filmes 35mm e cartões de memória, suportes onde as imagens são registradas para exemplificar a evolução dos equipamentos, inclusive, diferenciando a fotografia analógica para a digital (2º encontro, Investigadora).

Em relação à explicação da linguagem fotográfica, conforme pode ser visto em “3.1.3 Terceira Fase | 2017”, confeccionamos os planos fotográficos e a regra dos terços em relevo com cordão acetinado sobre placa rígida revestido com adesivo plástico; utilizamos molduras de cartolina guache e tabela de construção de planos.

Para a compreensão da luz e a formação da sombra, utilizamos uma fonte de luz quente e um manequim articulado de madeira. A luz era projetada em vários ângulos sobre o manequim e as sombras eram contornadas com barbante, fixado com fita adesiva. A partir da compreensão de um objeto pequeno, utilizamos os próprios participantes como modelos. Enquanto alguns percebiam a luz pelo calor e tinham sua sombra projetada na parede, outros exploravam, tatilmente, a dimensão e as distorções da sombra do colega (5º encontro, investigadora).

Para exercitar a prática fotográfica, dividimos os participantes em duplas, onde um fotografava o outro a partir dos planos sistematizados. Todos os participantes foram, também, incentivados a exercitar a fotografia fora do ambiente da Oficina. Eles levaram as máquinas para casa e foi-lhes pedido que contassem as suas histórias com dez fotografias, sendo os participantes orientados a salvar as imagens em pastas específicas e nominais, criadas no *Drive* do *Google*, com o objetivo de a investigadora poder selecionar algumas imagens, com antecedência, para serem confeccionadas em relevo com a carretilha. Estas imagens deveriam ser discutidas no encontro seguinte, onde os participantes deveriam explicar o que tinham pretendido fotografar, de forma a se identificar se os objetivos haviam sido alcançados. Sempre que existia uma prática de fotografia, existia uma sessão de diálogo do que havia sido fotografado, sendo feitas as respectivas descrições das imagens (4º encontro, investigadora).

Como forma de auxiliar e facilitar a descrição da composição da imagem em relação à regra dos terços, P5 relacionou a regra com o teclado do telefone, enumerando os retângulos de 1 a 9, fazendo uma descrição para exemplificar (9º encontro, P5).

Para além dos exercícios no local da Oficina e em casa, os participantes tiveram uma aula de campo na praia, onde o objetivo era fotografar trabalhadores ambulantes. Pedíamos que prestassem atenção às pistas sonoras e olfativas por onde passavam para sentir o que lhes chamava mais a atenção, indo ao encontro das ideias de Bacci (2015, p.56) quando refere que

O aluno cego pode ser guiado pelo som e pelo toque, ajudado pelas noções de distância e enquadramento [...] A percepção apurada de um espaço pode considerar aspectos como a localização espacial, o som e a temperatura, adicionados aos sentimentos que o local pode trazer.

Pelo que um dos participantes referiu que o seu “o campo visual é até onde o braço alcança” (7º encontro, P5), o que pode relacionar-se com o fato de ter cegueira congênita e, por este motivo, eventualmente ter dificuldade em relacionar as pistas sensoriais com o potencial enquadramento.

Considerando o trabalho de campo nesta atividade foi necessária a presença de mais colaboradores, tanto para auxiliar no deslocamento dos participantes do ponto de encontro até a praia, quanto para o compartilhamento da visão, para descrever o ambiente, bem como ajudá-los quanto à orientação do equipamento fotográfico (6º encontro, investigadora).

Na seguinte sessão utilizamos uma dinâmica para o favorecimento da construção de imagens mentais, através de uma música instrumental, *“Love Theme”*, de Ennio Morricone, tema do filme Cinema Paradiso, de 1988. A dinâmica consistia em ouvir e concentrar na música para que, ao final, cada participante pudesse sintetizá-la em uma imagem, como uma fotografia mental, e descreve-la aos colegas. A descrição deveria informar a orientação (vertical ou horizontal), o plano e outros detalhes que eram solicitados pelos colegas para ajudar a “ver” a imagem criada pelo outro (7º encontro, investigadora).

No decorrer da Oficina, realizamos balanços da evolução dos encontros para que os participantes pudessem colocar as suas observações, autoavaliarem as suas produções e condutas em relação às orientações passadas pela investigadora (3º e 7º encontros, investigadora). Nos momentos de balanço/avaliação, os participantes enfatizaram a metodologia utilizada, onde o ambiente é dinâmico e descontraído, permitindo a todos interagirem de forma igual e “à vontade”, não parecendo uma sala de aula formal (3º encontro, P3). P5 chegou mesmo a referir que a metodologia adotada vai ao encontro das tendências de mercado, ultrapassando as aulas tradicionais de exposição e colocando o estudante/participante num papel mais ativo, tornando a aprendizagem mais agradável (3º encontro, P5). Em forma de conclusão a investigadora sintetizou que o objetivo da oficina era a criação de um espaço aberto, onde investigadora e colaboradores são “apenas mediadores e não detentores do conhecimento, portanto, construída coletivamente, para a aprendizagem de todos os envolvidos: mediadores, colaboradores e participantes.” (3º encontro, investigadora).



## Dificuldades dos participantes

Por muitas estratégias e técnicas que possam existir, é normal existirem dificuldades, sendo importante identifica-las e compreende-las, de forma a procurar soluções eficazes.

Uma das grandes dificuldades focadas pelos participantes, relaciona-se com o posicionamento, o enquadramento e o “como” a câmera está registrando o que se pretende, pois na realidade eles não sabiam se o o que foi fotografado correspondia ao que foi imaginado (3º encontro, P4, P5, 7º encontro, P3).

As pessoas perceberam, no decorrer dos exercícios práticos e das descrições das imagens produzidas, que a mesma inclinação da câmera pode variar, consideravelmente, a depender do plano e da distância que está do assunto a ser fotografado. Num plano mais próximo, a inclinação é menos perceptível, enquanto que num plano mais distante, a mesma inclinação pode perder o enquadramento de quem ou do que foi fotografado. A grande dificuldade se revela pelo fato de perceberem os objetos, majoritariamente, pelo tato. E o tato, a depender do tamanho do objeto, não possibilita a compreensão da sua totalidade, como a visão, conforme referiu um participante quando diz que “a nossa maneira de ver o mundo é linear e tátil” (7º encontro, P1).

Outra dificuldade mencionada foi fotografar em ambiente externo, por não existir a referência do assunto a ser fotografado, seja pelo tamanho (como paisagens e arquitetura) ou pela distância (quanto maior o assunto, maior a distância e consequentemente, menor a referência). Um fator apresentado também como dificuldade no ambiente externo relaciona-se com as diversas pistas sonoras, que devido ao excesso de ruído não foi possível ouvir o momento do clique, do registro. Opção esta que no futuro pode vir a ser solucionada com a utilização de fones de ouvido, caso venha ser utilizado o *smartphone* para o registro.

Exercitar a fotografia com o *smartphone* não foi tão proveitoso quanto gostaríamos que fosse. Nem todos os participantes tinham ou estavam com o aparelho em condições de uso. No dia que experimentamos fotografar com o aparelho,

estavam presentes cinco participantes, dos quais apenas dois experimentaram a atividade com seus respectivos telefones, sendo que um participante não tinha informações da câmera por meio do leitor de tela. O segundo participante conseguiu ter acesso às informações, atuando mais efetivamente, embora, o leitor de tela utilizado não informasse qual câmera estava acionada, se a frontal ou a traseira.

Durante a realização do exercício, percebeu-se que as distâncias tidas como referência para a construção de planos, apresentava, no novo dispositivo, uma grande variação devido ao ângulo maior de abertura da lente do aparelho do participante em relação ao das máquinas utilizadas (4º encontro, investigadora).

No que se refere ao apoio dado pelos colaboradores, foi, ainda, encontrada a dificuldade, referente à “diferença do olhar de cada vidente [...] alguns não conseguiam ou não sabiam descrever, ou, ainda, não tinham conhecimento sobre técnicas e linguagem fotográfica.” (7º encontro, P1). Questão esta também importante para reflexão, na medida em que reforça a necessidade de formar colaboradores que possam vir a apoiar iniciativas desta natureza.

### **Principais necessidades identificadas**

Durante as discussões, foram levantadas algumas questões referentes às necessidades, dentre elas, a presença de uma pessoa vidente e o diálogo fluido com esta pessoa, de forma que o olhar dela seja conduzido pela pessoa cega, “de maneira que consiga receber as informações necessárias e desejadas” (7º encontro, P3).

Outra necessidade identificada relaciona-se com o conhecimento do equipamento utilizado. O treino, a prática, faz com que a pessoa cega se familiarize com a máquina ou celular, conseguindo ter maior segurança e autonomia. No entanto, P5, no 8º encontro, enfatizou que a pessoa cega só terá dimensão do que foi fotografado a partir do recurso tátil, precisando da disponibilidade de pessoas videntes que pudessem utilizar o recurso da carretilha, por exemplo. P5 referiu, também, que nem todas as pessoas estão dispostas a realizar esta atividade, para que a pessoa com DV possa compreender adequadamente a imagem.

## **Sentimentos dos participantes**

Ao longo da oficina foi possível notar vários sentimentos dos participantes, os quais passaram de momentos de ansiedade, a momentos de satisfação e auto-estima.

Logo no primeiro encontro constatamos que havia uma ansiedade relativa à utilização dos equipamentos e receio dos obstáculos que poderiam existir no ato de fotografar. A exploração das funcionalidades dos dispositivos estava prevista para o segundo encontro, no entanto, considerando a ansiedade dos participantes que queriam conhecer as funções e utilizar a máquina fotográfica, antecipamos a atividade para o 1º encontro em virtude das circunstâncias, em consonância com o nosso tipo de estudo: a pesquisa-ação.

A oficina abordou temáticas interessantes, não só ao nível prático, como também ao nível teórico (8º encontro, P5), apesar de se notar alguma falta de complemento em texto ou áudio, em relação à teoria e explicação de técnicas de fotografia para que fossem utilizadas como fonte para consultas, revisão (8º encontro, P3).

Os participantes demonstraram satisfação em estar, aprender e colaborar com a Oficina, com o nosso estudo. A localização dos encontros foi satisfatória, na medida em que tem fácil acesso com transporte público (8º encontro, P2). Alguns participantes manifestaram sentir falta dos encontros durante a semana (8º encontro, P2) e outros referiram a importância da oportunidade de enriquecer os conhecimentos acerca da fotografia (8º encontro, P3).

É importante destacar a importância que a linguagem visual traz para a vida destas pessoas tirando-as da margem social, rompendo paradigmas, pois

a fotografia tem a importância de nos tirar do lugar à margem, de valorizar a nossa produção simbólica. Então, trazer essa carga simbólica é aquilo que nós percebemos. É isso. E, a satisfação pessoal que está por trás da fotografia, por contribuir com o trabalho de Andrea (8º encontro, P1).

A possibilidade de pessoas com DV trabalharem com a fotografia fortalece a sua auto-estima

É um momento também onde adquirimos e elevamos a nossa auto-estima. Por quê? Porque temos a capacidade de fazer registros bastante interessantes, os quais as pessoas admiram, valorizam, elogiam. Como também a fotografia, esse registro, ele traz para nós, um conhecimento que até então estava oculto. A fotografia possibilita essa situação de enriquecimento para nós (8º encontro, P3).

### **Sugestões de melhorias**

Para as próximas edições da Oficina, os participantes sugeriram algumas melhorias, como forma de aprimorar o aproveitamento dos conhecimentos adquiridos. Citaram a necessidade de um complemento referente às informações teóricas, como um tipo de cartilha, que fosse disponibilizada em texto ou em áudio.

No tocante às aulas práticas, sugeriu-se a realização de ensaios fotográficos de um objeto, para que os participantes pudessem explorar enquadramentos, a partir da representação tátil das imagens produzidas. Foi, também, sugerida a utilização de *smartphones* para as capturas fotográficas, uma vez que estes aparelhos estão com eles no cotidiano, o que favoreceria a familiarização com a câmera, possibilitando o treino e, conseqüentemente, maior segurança e autonomia no ato de fotografar. Em complemento à utilização do *smartphone*, sugeriu-se a pesquisa de aplicativos acessíveis para pessoas cegas, já que alguns aparelhos, como o modelo utilizado por P4, mesmo tendo o leitor de tela ativado não disponibilizava nenhuma informação referente à câmera.

No que se refere à uma maior otimização e aproveitamento da aula de campo, a investigadora sugeriu a realização da atividade em vários encontros organizados para duplas, para que se possa dedicar mais atenção a cada participante. A proposta não foi bem aceita pela turma, na medida em que eles preferem o trabalho em grupo, mas com a distribuição de tempo por dupla. Os participantes sugeriram que, enquanto uma dupla é orientada, os outros participantes ficam atentos às orientações da dupla atendida no momento, ou livres para fotografar até chegar seu momento de orientação.

Para a aula de campo, onde houve necessidade da colaboração de pessoas videntes para descreverem os ambientes e as imagens capturadas, foi sugerido que estas pessoas também participassem da Oficina de forma a terem acesso às informações técnicas e à linguagem fotográfica, permitindo-lhes, assim, atender melhor a necessidade da pessoa cega que está fotografando. Como forma de auxiliar este “empréstimo” da visão, sugeriu-se disponibilizar, aos videntes acompanhantes, uma moldura com regra dos terços que possibilitasse a descrição com mais clareza e precisão do ambiente em que se encontram. Tal descrição seria de cima para baixo e da esquerda para a direita, como um *scanner*.

### **3.2.3 REFLEXÕES FINAIS**

Nossa Oficina é um espaço livre para a discussão e reflexão onde a fotografia é utilizada como ferramenta de transformação social. Ao possibilitarmos a participação de pessoas cegas, passamos a criar estratégias para que os conteúdos ministrados fossem adaptados para este público.

Para a realização da oficina “Olhares Compartilhados” de 2017, foram investidas 27 horas de encontros presenciais, que nos permitiram aplicar estratégias já utilizadas em edições anteriores, como também experimentar novas ideias, inserindo novos assuntos relacionados à fotografia, para que esta seja praticada por pessoas cegas.

Em comparação às edições de 2009 e 2012, esta Oficina teve a menor carga horária e menor número de participantes, no entanto, foram aplicadas mais estratégias e maior quantidade de conteúdo. O planejamento das aulas, juntamente com a definição do cronograma, permitiu um maior aproveitamento dos conteúdos ministrados, no entanto, acredita-se que a maturidade dos participantes e respectiva qualificação acadêmica e experiência profissional, tenham sido fatores determinantes para este avanço. Contudo, é importante destacar que, apesar de termos tido 27 horas de

participação, durante a avaliação geral, sentiu-se a necessidade de ampliação da carga horária, sobretudo, para atividades práticas de exploração e uso dos *smartphones*.

A utilização das TIC, pensada como forma de gestão da Oficina, acabou por permitir o desenvolvimento de diferentes competências nos participantes, na medida em que tinham que utilizar a tecnologia para diferentes fins:

- *Google Forms* para a inscrição e obtenção de dados por meio do inquérito por questionário;
- A utilização da “nuvem”, por meio do *Drive*, que além de permitir que os participantes pudessem disponibilizar as imagens produzidas, nos possibilitou, também, de ter um acesso antecipado ao material, permitindo-nos fazer uma seleção das imagens, de forma a adaptá-las em relevo com a carretilha, sendo, portanto, de fundamental importância, a definição de prazos para que as imagens fossem inseridas no local previamente definido;
- O *WhatsApp* permitiu a necessária manutenção do contato com os participantes no intervalo entre encontros, assim como possibilitou o envio de informação prévia relativa a temáticas a abordar na Oficina.
- A partir da análise dos dados recolhidos e da avaliação coletiva, constatou-se que a Oficina é um espaço confortável, onde os participantes se sentem bem e à vontade para manifestarem suas opiniões, dificuldades e sugestões, sendo, portanto, um lugar que favorece a auto-estima e as relações interpessoais.

Considera-se de extrema importância a análise das dificuldades e necessidades sentidas pelos participantes, assim como as sugestões de melhorias, na medida em que nos permite a melhoria de práticas para uma próxima Oficina. Os avanços nas estratégias e amadurecimento da metodologia é prerrogativa do fazer, avaliar e refletir, como propõe a pesquisa-ação. Neste processo, apesar dos avanços, verificamos que há melhorias e ajustes a realizar, tal como a ampliação da carga horária e da quantidade de exercícios práticos, a utilização dos *smartphones* e a qualificação da pessoa vidente que os acompanhará nas aulas de campo.

## CONCLUSÕES

Na perspectiva da inclusão visual, desde 2009, buscamos estratégias e alternativas de adaptação de conteúdo da fotografia para que pessoas cegas possam se expressar e se comunicar por meio desta linguagem. Durante esta caminhada, descobrimos, aprendemos e ensinamos, assim como é o ciclo natural da vida.

No período de 2009 a 2017, realizamos quatro Oficinas: uma em 2009, duas em 2012 e outra em 2017, por onde passaram 36 participantes, sendo, esta última, objeto de investigação mais detalhado neste trabalho.

Com o intuito de responder à questão de investigação **“Quais as técnicas e estratégias, criadas ou aperfeiçoadas, para que pessoas cegas possam se expressar por meio da fotografia?”** foram traçados três objetivos específicos e seguida uma metodologia com estratégia de pesquisa-ação que nos permitisse analisar e refletir sobre os recursos utilizados. A obtenção de dados ocorreu por meio da análise documental, inquérito por questionário e observação participante com base em diário de bordo, que, aliados à literatura científica e experiências práticas, possibilitou nos dar respostas aos objetivos estabelecidos.

**Objetivo 1** | Descrever as técnicas e estratégias utilizadas nas oficinas de fotografia, com participantes com deficiência visual, realizadas em 2009 e 2012, no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC).

Esta análise foi possível a partir dos registros contidos no TCC desta pesquisadora, no âmbito da especialização em Acessibilidade Cultural na UFRJ, que teve a Oficina de 2009 como objeto de estudo (Freitas, 2014), além de registros fotográficos e de vídeo e poucas anotações em diário de bordo, da Oficina de 2012. É de se destacar que os registros de 2012 não tinham sido efetivados de forma mais consistente, porque não havia, àquela altura, o objetivo de pesquisar tais estratégias. Consideramos que tal dificuldade não comprometeu a resposta ao objetivo, uma vez que as estratégias foram descritas.

Das oficinas destaca-se a sistematização de planos como um ponto positivo que se manteve ao longo das diferentes fases, tornando o processo de enquadramento e construção de planos fotográficos mais simples para os participantes com DV.

**Objetivo 2 |** Refletir sobre a criação ou aperfeiçoamento de técnicas e estratégias adequadas a pessoas com deficiência visual que lhes possibilitem expressar-se por meio da fotografia.

A reflexão relativa à metodologia adotada nas oficinas anteriores permitiu melhorias a diferentes níveis, que vão desde a evolução e criação de novas técnicas e estratégias, à utilização das TIC, assim como também à introdução de conteúdos teóricos de complemento à formação em fotografia.

É importante referir a evolução da forma de explicação da regra dos terços, que em todas as oficinas sofreu transformações, de forma a facilitar a compreensão desta regra a pessoas com DV. Numa primeira fase encontrava-se fixa numa carteira, passando, numa segunda fase, para uma moldura móvel, mas rígida e de fundo vazado e nesta última fase para uma estrutura igualmente móvel, mas com fundo e enumerada, por sugestão de um participante.

O fato de se adaptarem fotos em relevo com carretilha e posteriormente as descrever permitiu que as pessoas com DV pudessem compreender as imagens e distinguir os elementos significativos, contribuindo para a inclusão destas pessoas numa área que muitos pensam que se refere apenas a videntes.

**Objetivo 3 |** Analisar em que medida uma oficina baseada na adaptação e criação de novas técnicas e estratégias contribui para que as pessoas com deficiência visual possam se expressar por meio da fotografia.

As técnicas e estratégias adotadas na Oficina contribuem para que pessoas com DV possam expressar-se com fotografia. Contudo, o que vai dar segurança e autonomia é a prática frequente de tirar fotografias, na medida em que possibilita o treino e a apropriação do conhecimento do equipamento, permitindo assim construir mentalmente as dimensões de ângulo da lente do equipamento. É importante



ressaltar que, por mais que a pessoa cega tenha a apropriação do equipamento e saiba utilizá-lo de forma a que atenda suas necessidades e desejos, ela só terá a dimensão do que foi fotografado a partir da representação tátil. Por isso a necessidade de haver pessoas dispostas, ou mesmo o acesso a programas e impressoras específicas, que possibilitem a realização da imagem em relevo. Na nossa Oficina utilizamos a carretilha, um recurso de baixíssimo custo, que permite traçar linhas pontilhadas em relevo, possibilitando, de forma rápida e econômica, o acesso básico à imagem.

Conforme pode ser constatado na **Figura 18**, a pesquisa-ação foi delineada em três fases, a partir das Oficinas realizadas. Para tal, foi efetuado o planejamento de cada uma das Oficinas e a respectiva implementação, o que permitiu uma reflexão conjunta de todos os intervenientes, contribuindo para a melhoria de práticas a exercer nas oficinas seguintes.



**Figura 18** - Fases da Pesquisa-ação da oficina Olhares Compartilhados

Fonte: elaboração própria

## LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Como limitações do estudo, referimos a dificuldade ao acesso de informações de diário de bordo da Oficina de 2012, sendo possível a pesquisa, graças à memória da pesquisadora e aos poucos registros fotográficos e em vídeo.

Conforme já mencionamos, também houve dificuldade em encontrar trabalhos desta natureza na literatura científica, por isso delimitamos nossas buscas em experiências no território brasileiro.

Consideramos que a maior limitação, tenha sido a impossibilidade de explorar e experimentar a fotografia produzida a partir dos *smartphones* dos próprios participantes. A diversidade de marcas e modelos requer um estudo por parte da mediadora e dos participantes, o que talvez exija aulas planejadas para este fim, com atenção individualizada, exigindo um redesenho da carga horária e da dinâmica a ser utilizada durante os encontros.

## PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS

Como propostas de estudos futuros, sugere-se a utilização do *smartphone* e pesquisas de aplicativos de fotografia que sejam acessíveis a pessoas com deficiência visual, na medida em que possibilitaria que mais pessoas pudessem participar nas oficinas, assim como também favoreceria o treino com equipamento de uso do cotidiano de forma autônoma.

Para a adaptação de imagens em relevo, há de se pensar em alternativas rápidas e de baixo custo que possibilitem o relevo por preenchimento e não apenas por contorno, como ocorre com a carretilha. Esta opção poderia dar perspectivas diferentes da imagem à pessoa com DV, na medida em que se poderiam explorar diferentes padrões ou texturas aliadas à transmissão de um determinado significado.

Esperamos que esta pesquisa estimule novas possibilidades de olhar e desconstrua paradimas engessados. Assim como esperamos que esta pesquisa seja utilizada e replicada, garantindo sua evolução e transformação, como um organismo vivo,

partindo do pressuposto da acessibilidade atitudinal, pensando novas estratégias e alternativas de incluir as pessoas cegas no mundo imagético da fotografia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J., Costa, A.P. & Crusoé, N. (2013). IV – 1. A Técnica da análise de conteúdo. In J. Amado (Coord.) *Manual de investigação qualitativa em educação*, 299-349. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Alves, J. F. (2008). No meio do caminho, tinha um obstáculo: a leitura de imagem para (e com) o outro. In: Martins, L. A. R.; Nascimento, G.P.; Pires, J. (Org.). *Políticas e Práticas Educacionais Inclusivas*. Natal/RN: EDUFRN, p. 367-380.
- Aumont, J. (2004). *A imagem* (9ª edição). Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus.
- Bacci, K. (2015). Relações e Criações. In *Programa Igual Diferente* (pp. 38 - 49), V. 2. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Bacci, K. (2015). O que os olhos não veem. In *Programa Igual Diferente* (pp. 50 - 61), V. 2. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Barbier, R. (2002). *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo* (Reimpressão da edição revista e atualizada de 2009). Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. (1996). *Livro sobre nada* (3ª edição). Rio de Janeiro / São Paulo, Editora Record.
- Barthes, R. (1984). *A Câmara clara: nota sobre fotografia* (6ª impressão). Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Bavcar, E. (2003). *Memória do Brasil*. Cosac & Naify.
- Bavcar, E. (2015). O museu de outra percepção. In *Programa Igual Diferente* (pp. 40 - 51), V. 1. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Benjamin, W. (1994). Pequena História da Fotografia. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense. Obras Escolhidas v. 1.(p. 91 - 107).
- Brasil (2010). *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Rio de Janeiro.
- Brasil (2012). *Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência*. Luiza Maria Borges Oliveira Brasília: SDH-PR/SNPD, p. 32.

Brasil (2015). *Lei Brasileira de Inclusão* (Lei 13.146/15 Estatuto da Pessoa com Deficiência), acessado em 28 de dezembro de 2017 em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm).

Caldas, M. C. C. (2012). Olha o que eu vi: vivência de fotografia com pessoas com deficiência visual. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

Carmo, H. & Malheiro, M. (1998). Métodos Quantitativos e Métodos Qualitativos. In: Metodologia da Investigação. *Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, H. & Malheiro, M. (1998). Tipos de estudo. In: Metodologia da Investigação. *Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In: *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. (p.9-41). Lisboa. Almedina.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.j. & Vieira, S. (2009). *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (2), 335-380.

Dubois, P. (1999). *O ato fotográfico e outros ensaios*(3ª ed.). Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP, Papirus (Série Ofício de Arte e Forma).

Duhamel, F. & Fortin, M. F. (2009). Os estudos de tipo descritivo. In M. F. Fortin (Org.) *O Processo de Investigação, da concepção à realização* (pp.161-172). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Fernandes, H. J. C. (2006). *Educação lúdica do olhar: abrindo as janelas da percepção*. 65 p. (monografia). Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte.

Fernandes, H. J. C. (2012). Aos novos fotógrafos brasileiros. Natal: ZooN (80 p.)

Flusser, V. (1985). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo, SP: Hucitec

Fortin, M. F. (2009). As etapas do processo de investigação. In M. F. Fortin (Org.) *O Processo de Investigação, da concepção à realização* (pp. 35-43). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Fortin, M. F. (2009). Métodos de amostragem. In M. F. Fortin (Org.) *O Processo de Investigação, da concepção à realização* (pp. 201-214). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Fortin, M. F. (2009). Métodos de colheitas de dados. In M. F. Fortin (Org.) *O Processo de Investigação, da concepção à realização* (pp. 35-43). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Fortin, M. F. (2009). O desenho de investigação. In M. F. Fortin (Org.) *O Processo de*

*Investigação, da concepção à realização* (pp. 131-145). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Franco, E. P. C.; Silva, M. C. C. C. (2010). Audiodescrição: breve passeio histórico. In. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras* (Org.). São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo.

Freire, P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (31ª ed.). São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura).

Freire, P. (2013). *Pedagogia do oprimido* (54ª ed. rev. e atual). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, A. G. (2014). *Não ver e ser visto: Uma experiência entre Pontos de Cultura mediada pela fotografia* (Especialização em Acessibilidade Cultural). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas

Gil, M. (2000). *Deficiência visual*. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância (Cadernos da TV Escola).

Joly, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa, Ed. 70, 2007 - Digitalizado por Souza, R.

Kastrup, V. (2010). Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. In Moraes, M. & Kastrup, V. (Org.) *Exercícios de Ver e Não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual*. Rio de Janeiro: Nau (p. 52 - 73).

Kossoy, B. (2003). *Fotografia e História* (2ª edição revista). São Paulo: Ateliê Editorial.

Kossoy, B. (2007). *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Mattos, L. K. de (2015). Olhos abertos para ouvir, sentir, pensar: crianças com deficiência visual fotografando a cidade. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 215 p.

Mattos, L. K. de; Zanella, A. V; Nuernberg, A. H. (2014). Entre olhares e (in)visibilidades: reflexões sobre a fotografia como produção dialógica. In: *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26 – n. 3, p. 901-918, Set. / Dez. (<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/895>).

Mattos, L. K. de. (2011). Sobre Fotografia e (In)Visibilidades: Olhares de Crianças com Deficiência Visual. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 136 p.

Moraes, M. (2010). PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In Moraes, M. & Kastrup, V. (Org.) *Exercícios de Ver e Não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual*. Rio de Janeiro: Nau (p. 26 – 51).

Motta, L. M. V. de M.; Romeu Filho, P. (2010) *Audiodescrição: transformando imagens em palavras* (Org.). São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo.

Neves, J. (2011). *Guia de Audiodescrição: imagens de se ouvem* (1ª edição). INR/IPL.

Quivy, R. & Campenhaut, L.V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5.ª Edição. Lisboa Gradiva.

Sá, E. D. de; Campos, I. M. de; & Silva, M. B. C. (2007). *Formação continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual*. SEESP/SEEDI/MEC. Brasília, DF.

Sacks, Oliver W. (2010). *A ilha dos daltônicos e a ilha das cicadáceas*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.

Salgado, S. & Francq, I. (2014). *Da minha terra à Terra* (1ª ed.). Tradução da Julia da Rosa Simões. São Paulo: Paralela.

Sarraf, V. P. (2010). Acesso à Arte e Cultura para pessoa com deficiência visual: Direito e desejo. In Moraes, M. & Kastrup, V. (Org.) *Exercícios de Ver e Não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual*. Rio de Janeiro: Nau (p. 154 – 173)

Silva, R. (2011). *A partilha do visível (pequeno excurso sobre a imagem)*. Cadernos PAR n.º 4, p. 113-123. URI: <http://hdl.handle.net/10400.8/406>.

Sontag, S. (2013). *Sobre Fotografia* (1ª ed.). Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras.

## **ANEXOS**



## ANEXO 1 | CARTA



### Carta de explicação do estudo e do consentimento informado

#### Título

“Olhares Compartilhados”: contribuições da fotografia para inclusão visual de pessoas cegas [sujeito a alteração]

#### Investigadoras

Andrea Gurgel de Freitas, mestranda de Comunicação Acessível, no Instituto Politécnico de Leiria. email: [andreagfreitas@gmail.com](mailto:andreagfreitas@gmail.com)

Carla Sofia Freire, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. email: [carla.freire@ipleiria.pt](mailto:carla.freire@ipleiria.pt)

Maria Kowalski, docente da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. email: [maria.koawalski@ipleiria.pt](mailto:maria.koawalski@ipleiria.pt)

#### Descrição

O projeto “Olhares Compartilhados”: contribuições da fotografia para inclusão visual de pessoas cegas” tem em vista o aprimoramento da metodologia desenvolvida e o compartilhamento das estratégias utilizadas durante as oficinas básicas de fotografia para pessoas com deficiência visual, realizadas em Natal, Rio Grande do Norte, onde pretende-se explorar e aplicar outras experiências relacionadas ao tema. Neste sentido, desde já, agradecemos sua colaboração no presente estudo.

## **Objetivos do estudo**

- Descrever as técnicas e estratégias utilizadas nas oficinas de fotografia, com participantes com deficiência visual, realizadas em 2009 e 2012, no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC);
- Refletir sobre a criação ou aperfeiçoamento de técnicas e estratégias adequadas a pessoas com deficiência visual que lhes possibilitem expressar-se por meio da fotografia;
- Analisar em que medida uma oficina baseada na adaptação e criação de novas técnicas e estratégias contribui para para que as pessoas com deficiência visual possam se expressar por meio da fotografia.

## **Método**

O presente estudo é em caráter de investigação-ação, com vista ao aprimoramento de estratégias utilizadas no ensino da fotografia a pessoas com deficiência visual. Para dar resposta aos objetivos do estudo, pretende-se utilizar as seguintes técnicas e instrumentos de recolha de dados:

- Análise documental relativa às oficinas de fotografia realizadas anteriormente;
- Inquérito por questionário, o qual para além de servir de ficha de inscrição na oficina, permitirá, também, a obtenção de dados que possam enriquecer a investigação
- Observação participante com base em diários de bordo relativa à oficina realizada no âmbito desta dissertação.

## **Participação e Confidencialidade:**

A participação no estudo é voluntária. Os dados recolhidos, no âmbito do estudo, serão tratados de forma confidencial, sendo codificados e guardados à responsabilidade dos investigadores. Os resultados obtidos serão apresentados posteriormente, não identificando os participantes individualmente. Estes resultados gerais serão disponibilizados a pedido dos interessados.

Para qualquer questão relacionada com o estudo, pode contactar livremente as investigadoras, com o intuito de esclarecer qualquer dúvida que subsista.

Desde já agradecemos a colaboração e preenchimentos dos questionários.

As investigadoras:

Andrea Gurgel de Freitas, mestranda

Carla Sofia Freire, orientadora

Maria Kowalski, coorientadora

### **Consentimento informado**

Aprimoramento do projeto “Olhares Compartilhados”: contribuições da fotografia para inclusão visual de pessoas cegas” [sujeito a alterações].

**Código de identificação do participante** (a preencher pelas investigadoras):

.....

Eu, \_\_\_\_\_, portador do CPF \_\_\_\_\_, declaro que os procedimentos da investigação, descritos na carta anexa, responderam de forma satisfatória às minhas questões. Compreendo as vantagens da minha participação neste estudo e considero que não apresenta qualquer potencial risco. Compreendo que tenho o direito de colocar qualquer questão relativa ao estudo, agora e durante o processo de desenvolvimento da investigação. Fui informado(a) sobre o sigilo dos dados colhidos e tratados posteriormente, que estarão protegidos pelos investigadores. Neste sentido, concordo com a minha participação voluntária neste estudo.

Natal, ...../...../.....

Assinatura:.....

## ANEXO 2 | FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

### 1 Olhares Compartilhados | Oficina de Fotografia para Pessoas com Deficiência Visual

Olá!

Este é o formulário de inscrição e recolha de dados para a Olhares Compartilhados, uma Oficina de Fotografia para Pessoas com Deficiência Visual que será utilizada como objeto de investigação para o curso de Mestrado em Comunicação Acessível, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, com o intuito de aprimorar conhecimentos, desenvolver e aplicar novas estratégias para a apropriação e prática fotográfica por pessoas com DV.

Desde já, agradeço sua disponibilidade em participar e colaborar. Aproveito para solicitar que tragam seus celulares/smartphones e/ou câmeras fotográficas.

Abraços fraternos,

Andrea Gurgel de Freitas

Mestranda em Comunicação Acessível

Contatos:

84 9 9906.8192 [WhatsApp]

[andreagfreitas@gmail.com](mailto:andreagfreitas@gmail.com)

andrea.g.freitas [skype]

**\*Obrigatório**

### 2 Dados pessoais e de contacto

2.1 Participante \*

2.2 Ano de nascimento \*

2.3. Utiliza WhatsApp? \*

- Sim
- Não

2.3.1 Se afirmativo, o que acha de criarmos um grupo para otimizar nossa comunicação? \*

- Sou a favor
- Sou contra
- Outra:

### 3 Vamos falar sobre você...

3.1 Qual seu nível de escolaridade? \*

Marque uma ou mais alternativas

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outra:

3.2 No caso de Ensino Superior, Especialização, Mestrado e Doutorado, informe o curso, a instituição e ano de conclusão \*

Se marcou outra alternativa, responda N/A.

3.3 Qual seu estado civil? \*

- Solteiro/a
- Casado/a
- Divorciado/a
- Viúvo/a
- Outra:

### 3.4 Com quem você mora? \*

Marque uma ou mais alternativas

- Mãe
- Pai
- Irmãos e/ou irmãs
- Esposa/Marido
- Filhos/as
- Sozinho/a
- Outra:

### 3.5 Você trabalha? \*

- Sim
- Não

### 3.6 Tem acesso à internet? \*

- Sim
- Não

### 3.7 Utiliza redes sociais? \*

- Sim
- Não

#### 3.7.1 Se afirmativo, quais? \*

### 3.8 O que faz para seu lazer? \*

Marque uma ou mais alternativas

- Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc.
- Vou ao teatro
- Vou ao cinema
- Vou à praia
- Viajo

- Saio com familiares e/ou amigos/as
- Outra:

#### 4 Sobre a Deficiência Visual

##### 4.1 Sua cegueira é \*

- Congênita
- Adquirida

##### 4.2 Informe o diagnóstico com o Código Internacional de Doenças \*

##### 4.3 Em caso de cegueira adquirida, há quanto tempo perdeu a visão? \*

No caso de cegueira congênita, responda N/A

#### 5 Sobre sua relação com a fotografia

##### 5.1 Você fotografa ou já fotografou alguma vez? \*

- Sim
- Não
- Outra:

##### 5.1.1 Se afirmativo, você utiliza \*

Se negativo, marque N/A - Não se aplica

- Máquina fotográfica
- Celular/Smartphone/Tablet
- As duas alternativas anteriores
- N/A - Não se aplica

##### 5.1.2 Se afirmativo, o que você costuma fotografar? \*

Se negativo, responda N/A

5.2 Você divulga suas produções fotográficas? \*

- Sim
- Não
- Outra:

5.3 Você utiliza leitor de tela em seu smartphone? \*

- Sim
- Não
- Outra:

5.3.1 Se afirmativo, qual leitor você utiliza? \*

5.4 Conhece algum aplicativo que auxilie pessoas com deficiência visual a fotografar? \*

- Sim
- Não

5.4.1 Se afirmativo, qual/quais?

5.5 Você sente dificuldade em fotografar? \*

- Sim
- Não

5.5.1 Se afirmativo, informe a/as dificuldade/s \*

Se negativo, escreva N/A.

5.6 O que lhe motiva a participar desta Oficina? \*

5.7 Sugestões \*

Espaço para você sugerir o que podemos trabalhar durante nossos encontros



## ANEXO 3 | RESPOSTAS AO FORMULÁRIO

Todas as respostas encontradas nos corpos de tabela, do presente anexo, são de responsabilidade dos participantes, não tendo sido feita nenhuma correção ortográfica ao seu conteúdo.

### 1 Dados pessoais e de contacto

1.1 Participante	1.2 Ano de nascimento	1.3 Utiliza WhatsApp?	1.3.1 Se afirmativo, o que acha de criarmos um grupo para otimizar nossa comunicação?
P1	1988	Sim	Sou a favor
P2	1966	Sim	Sou a favor
P3	1954	Não	telefone
P4	1974	Sim	Sou a favor
P5	1976	Sim	Sou a favor
P6	1981	Sim	Sou a favor

## 2 Vamos falar sobre você...

1.1 Participante	2.1 Qual seu nível de escolaridade?	2.2 No caso de Ensino Superior, Especialização, Mestrado e Doutorado, informe o curso, a instituição e o ano de conclusão	2.3 Qual seu estado civil?	2.4 Com quem você mora?	2.5 Você trabalha?	2.6 Tem acesso à internet?	2.7 Utiliza redes sociais?	2.7.1 Se afirmativo, quais?	2.8 O que faz para seu lazer?
P1	Ensino Superior	Licenciatura plena em geografia IFRN 2012	Casado/a	Mãe, Esposa/Marido	Sim	Sim	Sim	Facebook	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Saio com familiares e/ou amigos/as
P2	Ensino Médio	NA	Casado/a	Pai, Irmãos e/ou irmãs, Esposa/Marido	Sim	Sim	Não	NA	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Vou à praia, Saio com familiares e/ou amigos/as
P3	Ensino Superior	Bacharelado em Direito, Estácio de Sá, 2013	Casado/a	Esposa/Marido, Filhos/as	Não	Não	Não	N/A	Vou à praia, Saio com familiares e/ou amigos/as, Leio audiolivros
P4	Ensino Médio	n	Solteiro/a	Sozinho/a	Não	Sim	Sim	Facebook, Twitter	Ouçó música
P5	Ensino Superior	Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Instituto Federal do RN, 2010.1	Casado/a	Esposa/Marido	Sim	Sim	Não	NA	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Vou à praia, Saio com familiares e/ou amigos/as
P6	Especialização	Curso de Qualificação de Professores na Área da Deficiência Visual	Casado/a	Esposa/Marido	Sim	Sim	Sim	Facebook	Fico em casa e assisto TV, filmes, séries etc., Vou ao cinema, Viajo, Saio com familiares e/ou amigos/as

### 3 Sobre a deficiência visual

1.1 Participante	3.1 Sua cegueira é	3.2 Informe o diagnóstico com o Código Internacional de Doenças	3.3 Em caso de cegueira adquirida, há quanto tempo perdeu a visão?
P1	Congênita	retinopatia da prematuridade CID 54.0	Sempre fui cego
P2	Adquirida	Catarata, Glaucoma e outras	20 anos
P3	Congênita	Cegueira Legal	Tive resíduo visual até os 24 anos de idade.
P4	Adquirida	uceração do globo ocular	40
P5	Congênita	Atrofia do Nervo ótico.	NA
P6	Adquirida	Não estou com o CID, mas tive descolamento de Retina e degeneração macular mioptica	9 anos

#### 4 Sobre sua relação com a fotografia

1.1 Participante	4.1 Você fotografa ou já fotografou alguma vez?	4.1.1 Se afirmativo, você utiliza	4.1.2 Se afirmativo, o que você costuma fotografar?	4.2 Você divulga suas produções fotográficas?	4.3 Você utiliza leitor de tela em seu smartphone?	4.3.1 Se afirmativo, qual leitor você utiliza?	4.4 Conhece algum aplicativo que auxilie pessoas com deficiência visual a fotografar?	4.4.1 Se afirmativo, qual/quais?
P1	Sim	Máquina fotográfica	pessoas e paisagens diversas.	Não	Sim	Chine plus	Não	
P2	Não	Celular/Smartphone/Tablet	NA	Não	Sim	Talk Back	Sim	Vários
P3	Sim	As duas alternativas anteriores	Obstáculos, pessoas e paisagens.	Não	Não	N/A	Não	N/A
P4	Sim	Celular/Smartphone/Tablet	objetos	Não	Sim	Talkbak	Sim	iPhone (não precisa de aplicativo); aplicativo original de câmera do google.
P5	Não	N/A - Não se aplica	NA	Não	Sim	Talk Back	Não	
P6	Não	N/A - Não se aplica	Não	Não	Sim	No computador JAW's e NVDA; no celular TALKBACK	Não	

## 5 Sobre sua relação com a fotografia (continuação)

1.1 Participante	4.5 Você sente dificuldade em fotografar?	4.5.1 Se afirmativo, informe a/as dificuldade/s	4.6 O que lhe motiva a participar desta Oficina?	4.7 Sugestões
P1	Sim	AS dificuldades são as seguintes: Compreender o comportamento da luz sobretudo a sua projeção. Encontrar pessoas videntes habilitada a orientar uma pessoa cega a fotografar em sua maioria não conseguem ouvir a imagem mental que foi pensada pelo deficiente visual.	Conhecer o universo visual e colaborar no desenvolvimento de metodologias para serem aplicadas com deficientes visuais.	Além de compreender o comportamento da luz e perceber a textura da imagem, é um grande desafio pensar que a textura aparece nas fotografias. Acrescentamos as sugestões o conceito de perspectiva com auxílio de objetos concretos para demonstrar o fenômeno.
P2	Sim	Todas, nunca fotografei.	Curiosidade, aprender novas tecnologias.	Sem sugestões
P3	Não	N/A	Adquirir mais conhecimentos.	Registrar obstáculos de barreiras arquitetônicas em espaços públicos e edificações, incluindo inclusive, os transportes.
P4	Sim	Saber se o enquadramento que estou fazendo, condiz com a ideia buscada na fotografia.	busca de conhecimento.	fotografar em ambiente aberto.
P5	Não	NA	Compreender os princípios da fotografia para poder fazer fotos quando necessário.	Fica a critério do professor.
P6	Sim	Não sei o posicionamento, na realidade as vezes que fotografei a pessoa posicionou e eu apenas executei a tarefa	Mais uma nova experiencia, e também para ajudar a pessoa no seu trabalho	Estou livre.

## **ANEXO 4 | DIÁRIO DE BORDO**

### **1º Encontro | 14/01, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto**

- Leitura e gravação da carta e do consentimento informado;
- Apresentação do projeto e dos participantes;
- Conversa sobre as expectativas da Oficina e das experiências individuais relacionadas à fotografia;
- Conhecendo o Mercado da Foto e o Mercado Cultural de Petrópolis;
- Conhecendo a exposição Fotografando com os Sentidos com audioguia e audiodescrição.

#### **Anotações**

No primeiro encontro, nosso roteiro previa a leitura da carta e do consentimento informado, previamente enviada por e-mail para cada participante; a apresentação do projeto e dos participantes; uma conversa sobre as expectativas da Oficina e das experiências individuais relacionadas à fotografia, partindo de questões informadas no formulário de inscrição; conhecer o Mercado da Foto e o Mercado Cultural de Petrópolis, local de realização da Oficina; conhecer a “Exposição Fotografando com os Sentidos”, resultado da primeira turma, em 2009. A exposição tinha audioguia com audiodescrição e foi incluída como mostra na programação da 2ª edição Feira Livre, evento realizado e organizado, mensalmente, pelos permissionários do referido Mercado.

Para iniciar as atividades no primeiro encontro, realizamos uma dinâmica de apresentação onde um participante descrevia um colega e assim sucessivamente. No primeiro momento, um participante era descrito e em seguida ele dizia quem era e o que faz. Utilizamos as máquinas fotográficas para exploração tátil e conhecimento das funcionalidades, além de conhecermos, também, as funcionalidades das câmeras dos smartphones de alguns participantes. Embora a exploração das câmeras e smartphones não estivesse planejada para o primeiro encontro, as falas dos

participantes sobre a ansiedade e os obstáculos em fotografar, fizeram com que antecipssemos tal atividade, que estava prevista para o encontro seguinte.

Objetivamente, os recursos utilizados no primeiro encontro foram: máquinas fotográficas digitais, smartphones dos participantes; exposição fotográfica; reproduutor de áudio com headphone.

Conforme já foi dito anteriormente, a exposição “Fotografando com os Sentidos” que fazia parte da programação de um evento estava a receber visitantes que e algumas pessoas visitaram-na e, ao verem o grupo de pessoas cegas reunidas, conversando sobre fotografia, com nossa mediação, elas demonstravam curiosidade sobre a temática. Ao final da Oficina, enquanto organizávamos nossos equipamentos para serem guardados, um visitante da exposição, ao saber da nossa pesquisa, conversou connosco e sugeriu a leitura do livro "A ilha dos daltônicos", de Oliver Sacks. Durante a conversa muito proveitosa, mencionamos que o referido autor constava em nossas referências para estudos, uma vez que Mattos o utilizou o autor em sua dissertação, citando publicação "O olhar da mente".

## 2º Encontro | 28/01, sábado, 8h30min às 11h30min, Mercado da Foto

- Apresentação de trabalhos de fotógrafos cegos e/ou com deficiência visual;
- Conversa virtual com João Maia e Teco Barbero;
- Breve apresentação sobre a história da fotografia e mostra de máquinas antigas e filmes fotográficos disponíveis no local;
- Apresentação da máquina digital compacta amadora e/ou câmera do *smartphone* e suas funções.

### Anotações

Na semana entre o primeiro e segundo encontro, Natal estava praticamente sitiada devido a rebeliões, guerras entre facções e fugas em massa nos presídios. O transporte coletivo parou, ônibus foram incendiados. Diante da situação, no grupo criado no WhatsApp, colocamos a questão se era pertinente ou não mantermos a data confirmada e os que se manifestaram, votaram a favor do adiamento. Para esse encontro, nosso roteiro previa: breve apresentação da história da fotografia; a apresentação de trabalhos de fotógrafos cegos ou baixa visão [brasileiros e estrangeiros]; exploração da câmera do *smartphone* e da máquina digital utilizada na Oficina; e, conversa virtual com Teco Barbero e João Maia, dois fotógrafos com deficiência visual, muito conhecidos no Brasil. É importante registrar que, através do nosso grupo no WhatsApp, enviamos links de dois vídeos sobre esses os fotógrafos convidados para que os/as participantes pudessem conhecer um pouco dos trabalhos e assim, elaborarem perguntas.

Na sessão do dia 28 de janeiro iniciámos as atividades com a participação e apresentação de Henrique José, fotógrafo, professor de fotografia em uma universidade particular, e proprietário do Mercado da Foto, local onde a Oficina foi realizada. Este fotógrafo foi convidado para falar da sua experiência na fotografia e contribuir com a conversa sobre a história da fotografia. Henrique é, também, um colecionador de câmeras fotográficas que são expostas no Mercado. Algumas câmeras e filme de 35mm foram utilizados para demonstrar, tatilmente, a evolução e alteração dos formatos das câmeras e dos suportes onde as imagens são registradas entrando, inclusive, na diferenciação da fotografia analógica e digital.



A conversa virtual que estava prevista com os dois fotógrafos, aconteceu apenas com Teco Barbero, pois, devido à necessidade de reagendar o encontro, João Maia não tinha agenda disponível para a nova data. Na ocasião, Teco falou da sua deficiência, da graduação em jornalismo, da atuação quanto fotógrafo profissional e do seu processo de fotografar. Os recursos que utilizamos no segundo encontro foram: imagens em relevo, feitas com papel vegetal, hidrocor e carretilha, de fotógrafos com deficiência visual [brasileiros e estrangeiros]; máquinas fotográficas; filme 35mm; internet; skype; webcam; microfone e caixa de som.

Foto: Henrique José, 2017



**Figura 19** - Participação de Teco Barbero por *Skype*

- Propriedades da luz;
- Projeção da luz sobre objetos e formação da sombra (primeiro no boneco, depois, nos participantes);
- Apresentação de princípios da linguagem fotográfica;
- Exercício prático: fazer cinco fotografias de um colega participante da Oficina. Antes de fotografar, cada participante deverá descrever a imagem que pretende produzir do colega;
- Fazer a comparação das fotografias produzidas com as imagens mentais descritas;
- Para casa: contar sua história com dez fotografias “quem sou eu”;
- Definir prazo para o envio das imagens: terça-feira.

### **Anotações**

No terceiro encontro, iniciamos as atividades fazendo um balanço conversando sobre o andamento da Oficina e alguns participantes manifestaram suas observações. Para P3, a Oficina "não tem aquela cara de sala de aula. É um ambiente dinâmico e descontraído, onde, não tem formalidades [...] é uma experiência, inclusive, nova, essa metodologia de dinâmica e descontração, onde as pessoas interagem de forma igual, deixando todos à vontade [...]". E, sobre a metodologia de nossa Oficina, P5 complementou as observações do colega e fez a seguinte intervenção:

Não sei se de forma intencional, ou não, mas, isso é uma tendência de mercado. Estou lendo um livro chamado 'Aprendizagens baseadas em jogos digitais' que faz parte da bibliografia do curso de mestrado que estou vendo aí se vou fazer, e o autor fala exatamente nisso, que a tendência de hoje é a gente partir para uma nova metodologia que não seja aquela que o professor explica, mostra conteúdo e os alunos ficam lá sentados, prestando atenção, entediados, doidos que a aula acabe para irem fazer outras atividades. Quer mostrar o seguinte: quer mostrar que existem formas de você dar o mesmo conteúdo de forma mais agradável, mais ativa, pode-se dizer assim.

Respondemos que ficávamos felizes em saber que eles perceberam a nossa proposta, onde a Oficina, recém batizada “Olhares Compartilhados”, é um espaço aberto para as discussões sobre a temática, onde nós somos apenas mediadores e não detentores do conhecimento, portanto, construída coletivamente, para a aprendizagem de todos os envolvidos: mediadores, colaboradores e participantes. Esses momentos de reflexão são sempre importantes e fazem com que nós, quanto mediadores, reflitamos sobre os próximos encontros.

Para esse terceiro encontro, havíamos planejado conversar sobre as propriedades da luz, sua projeção sobre objetos e a formação da sombra e os princípios da linguagem fotográfica. Devido ao nosso tempo destinado à reflexão no início do encontro, nos detemos apenas na linguagem fotográfica e em exercícios práticos. Os recursos utilizados foram: planos fotográficos e regra dos terços em relevo com base de pvc; molduras de cartolina; máquinas fotográficas e smartphone dos participantes. e enquadramentos e regra dos terços em relevo seguido de um exercício prático onde cada participante fotografava um colega a partir dos planos sistematizados na primeira oficina. Ao final, como forma de praticar a fotografia em outro espaço que não fosse o da Oficina, pedimos que contassem suas histórias por meio de dez fotografias. Combinamos que as imagens produzidas deveriam ser inseridas no drive (nuvem do gmail) em pastas identificadas com os respectivos nomes dos participante.

Após a realização da atividade prática no local da Oficina, alguns participantes fizeram as seguintes observações: P4 sentiu dificuldade no posicionamento da câmera e não se sentiu seguro quanto a luminosidade do ambiente; P5 comentou, a partir das descrições realizadas após a atividade, que a inclinação da câmera no close não é tão perceptível como no plano inteiro que, a mesma inclinação pode fazê-lo perder o enquadramento da pessoa a ser fotografada; e P1 relatou que o maior desafio é que "o tato não tem a questão da globalidade que a visão tem. A gente não tem a dimensão real do tamanho".

- Cada participante falará sobre as imagens produzidas na pauta da aula anterior;
- A mediadora e os colaboradores farão análise técnica;
- Experimentar fotografar com o smartphone;
- Utilizar a tabela de planos como referência.

### **Anotações**

No quarto encontro, conversamos sobre as fotografias da história deles. A maioria dos participantes fotografou e demonstrou interesse em compartilhar o que havia produzido. A dinâmica foi pedir que eles falassem o que e como tinham fotografado, enquanto a pasta das fotografias, do participante que estava apresentando, estava abertas na tela do notebook. Enquanto eles descreviam o que tinham produzido, a mediadora buscava as imagens para dizer se o objetivo havia sido alcançado.

Neste encontro, experimentamos fotografar com os *smartphones* dos participantes, utilizando a tabela da construção dos planos como referência. Não foi muito proveitoso porque apenas P5 participou efetivamente. O smartphone de P4 não possibilitou a vivência pois o leitor de tela não tinha acesso aos recursos câmera. P5 utilizou o queixo como referência. Percebeu-se que há uma dificuldade por ser *touchscreen* e pelo leitor de tela não ter mencionado se a câmera que estava sendo utilizada era a frontal ou a traseira.

O ângulo de abertura da lente do celular de P5 era maior que o das câmeras utilizadas, então, com a mesma distância, conseguia-se resultados diferentes nos planos fotográficos.

Os principais recursos utilizados neste encontro foram: *notebook*; fotografias produzidas pelos participantes; descrição das imagens; e *smartphones*.

- Colaboração de Henrique José;
- Propriedades da luz;
- Projeção da luz sobre objetos e formação da sombra (primeiro no boneco, depois, nos participantes);
- Para a aula de campo: definir ponto de encontro.

### **Anotações**

No quinto encontro, tivemos a colaboração de Henrique José, para conversarmos sobre o comportamento e propriedades da luz. Antes, fizemos uma breve explanação do que já havíamos trabalhado para que ele pudesse se contextualizar. Henrique falou que, aproximadamente, 10% da luz do sol é perceptível ao olho humano e que a luz, tem como característica, a sua propagação através de partículas e ondas.

Após a explanação do colaborador, a mediadora fixou um boneco articulado de madeira, sobre uma mesa de centro, e Henrique montou o fresnel, um tipo de iluminação com lente especial, para que a luz incidisse sobre o boneco e projetasse a sua sombra. A sombra foi contornada com barabante, fixado com fita adesiva. Em seguida, ampliou-se a dimensão da projeção da sombra, utilizando os próprios participantes como modelos enquanto outros exploravam a sombra projetada na parede.

Após o exercício, conversamos sobre a aula de campo que ocorrerá no próximo encontro. Combinamos o horário e ponto de encontro e a pauta será fotografar os trabalhadores e trabalhadoras da praia para montarmos a exposição “Ambulantes”. Orientamos que utilizassem protetor solar e roupas leves.

- Aula de campo em Ponta Negra;
- Atenção às pistas sonoras e olfativas;
- Primeiro imaginar; depois fotografar.

### **Anotações**

No sexto encontro, marcamos como local de partida um shopping da cidade pelo fácil acesso de transporte coletivo. Para o deslocamento do ponto de encontro até a praia, contamos com o apoio de Romulo (amigo de Teotônio) que se disponibilizou, juntamente com sua filha Adriana, a levar um grupo enquanto a outra parte iria com a mediadora. Orientamos que fizessem as fotografias sem pressa, primeiramente imaginando o que fotografar para depois registrar, levando em consideração as informações percebidas pelas pistas sonoras e olfativas.

Dos seis participantes, dois não puderam estar presentes nesta aula. Foi agendada uma outra aula, com estes dois participantes, para que eles pudessem cumprir a pauta. Esta aula teve lugar no dia 11 de março das 09h30 às 11h30 em Ponta Negra, não tendo sido contabilizada como carga horária.

Durante o exercício, percebemos uma ansiedade em fotografar e uma alegria por estarem ali, entre amigos. As fotografias feitas por eles tanto eram para cumprir a pauta quanto para registrar um momento de lazer. A mediadora não pode dar atenção necessária a todos, ficando a maior parte do tempo auxiliando um dos participantes, enquanto os outros três estavam distribuídos com os colaboradores: Teotônio, Stephanie (esposa de um dos participantes) e Adriana (filha de Rômulo). De forma geral, não pareciam compor a imagem mentalmente antes de fotografar. Havia uma certa velocidade no ato de fotografar. P5 optou por fotografar com seu celular.

Os recursos utilizados nesta aula foram: máquinas fotográficas, *smartphones* e transporte para o deslocamento dos participantes, do ponto de encontro até a praia e vice-versa.

- Avaliação da Aula de Campo [conduta, dificuldades];
- Dinâmica da Síntese: composição de uma imagem mental produzida a partir de uma música;
- A imagem deverá ser descrita com os princípios da linguagem fotográfica.

### **Anotações**

No sétimo encontro, iniciamos com uma conversa sobre a aula de campo e em seguida realizamos autoavaliações das produções fotográficas e da conduta quanto o cumprimento das orientações passadas para a aula anterior. Os participantes fizeram as seguintes colocações:

P1 sentiu necessidade de sempre ter um vidente para auxiliá-lo e falou da importância de haver um diálogo entre eles. Como ele foi guiado por pessoas diferentes durante a aula, percebeu a diferença do olhar de cada vidente e exemplificou que alguns não conseguiam ou não sabiam descrever, ou, ainda, não tinham conhecimento sobre técnicas e linguagem fotográfica. Se sentiu em dúvida quanto aos planos mais distantes e em relação à luz. “Às vezes você não tem noção da quantidade de informações e elementos que cabem dentro de uma fotografia. A nossa maneira de ver o mundo é linear e tátil”. Por estar no ambiente externo e de muito barulho, não conseguiu ouvir o clique no momento do registro.

P3 tem experiência em fotografar e, apesar de não ter participado da aula de campo, complementou dizendo que os cegos devem guiar o vidente de maneira que consiga receber as informações necessárias e desejadas. Para ele, as descrições podem ser feitas em partes, como a regra dos terços. Sugeriu utilizar uma moldura com a regra dos terços para delimitar o olhar do vidente, onde a descrição pode ser feita da esquerda para a direita e de cima para baixo, em cada divisão dos terços, como um *scanner*.

P4 disse que enxerga de modo plano e falou da dificuldade na questão espacial porque não sabe se a câmera está enquadrando o que foi imaginado. Disse que mesmo que tenha sido feita uma boa descrição, a dúvida do que foi registrado vai permanecer

porque a pessoa cega não sabe como a imagem foi registrada. P5 complementou dizendo que o campo visual dele é até onde o braço alcança.

A mediadora concordou com P4, enfatizando que a prática das técnicas e o uso do equipamento fotográfico, seja a câmera ou o *smartphone*, vai contribuir para uma maior segurança ao fotografar e de saber, aproximadamente, o “como” o objetivo foi registrado.

O colaborador Teotônio utilizou P2 como exemplo, pois ela, antes de fotografar no interior de uma loja no shopping, descreveu o “o que” e o “como” queria fotografar o balconista e o registro foi equivalente ao que ela havia pre-determinado. É preciso destacar que P2 é cega congênita.

Após as discussões, realizamos uma dinâmica com a música instrumental “Love Theme”, de Ennio Morricone, do filme Cinema Paradiso (1988). Cada participante deveria ouvir a música e, ao final, fazer uma fotografia mental para depois descrevê-la para o grupo. A descrição incluía a posição, se era vertical ou horizontal, e o plano. Ao término da dinâmica, ventilamos possíveis locais onde a exposição fotográfica poderia acontecer.



- Avaliação geral da Oficina;
- Proposta de reformulação para futuras aulas de campo;
- Conversa sobre as dificuldades encontradas;
- Sugestões de melhoria.

### **Anotações**

No oitavo encontro, conversamos sobre a dinâmica da aula de campo, onde a mediadora apresentou a proposta para que fosse realizada em dupla. Com o grupo inteiro não havia condições de dar atenção a todos simultaneamente, pois dificultaria o acompanhamento de dúvidas e saber se os participantes estavam utilizando as técnicas sugeridas durante as aulas. Discutimos a participação de pessoas videntes que normalmente acompanham as pessoas cegas, por exemplo, mães, maridos e esposas, para que eles conheçam um pouco sobre a fotografia, para auxiliá-los em situações do cotidiano. Em seguida conversamos sobre a produção das imagens, apropriação, segurança e autonomia, onde P5 fez a seguinte colocação:

Eu acho que essa perspectiva de você conhecer como é que vai ficar a foto realmente, isso, um dia, pode até chegar próximo. Agora, isso vai depender de muito treino, de muito conhecimento do equipamento que você tá usando, que você, com um tempo... E de muita gente disposta a fazer esse trabalho com a carretilha. Porque a gente só vai perceber a dimensão da fotografia que a gente tá tirando, com o recurso tátil.

P5 ainda fez referência ao colega P1, que sempre utiliza a frase “as imagens não fazem parte do nosso dia a dia, mas são usadas para nos avaliar”. P2, interveio e colocou sua opinião dizendo que “o fotógrafo, no caso o cego, ele também tem que saber perguntar, orientar, ajudar... A pessoa que enxerga não vai saber o que a gente tá querendo, a nossa curiosidade”.

A fotografia tem que se pensar, tem que projetar mentalmente o que você quer. Além de pensar no que você quer, ainda tem que pensar nessa constituição da fotografia a nível de beleza ou de interesse do suposto público

que vai ver a foto. Tem que ter essa visão também... Se você tá fotografando para você, é um tipo de foto, se você tá fotografando pro outro, já é outra situação (P3).

Após algumas colocações, sugeriu-se que para as próximas oficinas fosse realizado um ensaio de um objeto.

Em seguida, abrimos para uma avaliação geral da oficina. P1 nos perguntou: “O que mudou em vocês em relação a nós? Evoluímos? P1 havia participado de uma das turmas da Oficina que realizamos em 2012. Teotônio respondeu:

Na primeira oficina, em 2009, a gente teve uma dificuldade maior porque foi nossa primeira experiência com essa questão da fotografia e a deficiência visual, e também, porque a turma era menor, no sentido de idade, de informação e formação. Com vocês, a relação é totalmente diferente pelo nível intelectual de vocês. Não querendo dizer que os outros não tenham sido bons, mas ainda eram muito [jovens]. Vocês são pessoas com experiência de vida bem maior, com formação acadêmica, alguns, e passam tranquilidade naquilo que a gente vai passar pra vocês. Então, a dificuldade de explicar algumas coisas pra vocês é quase zero, entendeu? Tem hora que vocês, inclusive, tão ensinando pra gente muito mais do que estão aprendendo. Eu me sinto uma pessoa melhor depois da Oficina. Por quê? Porque começo a observar detalhes na minha vida cotidiana que eu não me preocupava, ou seja, vocês me ensinam, a cada dia, uma questão primordial chamada respeito. Na hora que a gente começa a ter respeito pelo outro, a gente cresce.

P2, retomando a questão sobre a reformulação da aula de campo, disse:

Sair em campo em grupo não me incomoda. Eu acho também que vai ajudar porque o que você fala pra um, vai falando pro outro, o outro vai captando. Se eu não captei o que você quis passar pra mim, quem estava no meu lado pode ter captado melhor, entendeu? [...].

Pra mim foi válido por muitas coisas. Uma coisa que achei muito boa foi a localização do ambiente, por ter ônibus que pára na porta. Eu sinto falta daqui durante a semana [...].

[chorando] A praia foi muito importante porque sempre gostei de praia e a última vez que fui foi em 2012, por um motivo de saúde. Aí, eu consegui ir... Poxa, por que Andrea botou praia? [...] Fiquei só questionando a semana toda, mas aí eu me senti muito bem e eu gostei muito.

No tocante à avaliação da metodologia, P5 disse:

Com relação à metodologia, eu achei interessante a questão da teoria. Uma coisa que eu gostaria que fosse adotada, desde o começo, na próxima vez, que eu acho que teria facilitado a minha vida, é utilizar a ferramenta de trabalho que aquele fotógrafo dispõe naquele momento e que irá seguir com ele pro resto da sua vida, ou não, porque depende da evolução tecnológica, certo? Seja meu celular, a máquina de P3, a polaroid de P1, o que for. Por quê? Porque na hora que você fotografa com o seu equipamento, você vai pegando, na linguagem popular, vai pegando a manha daquele equipamento. Vai pegando o grau de abertura da lente e vai pegando a profundidade. Vai formando na sua cabeça o mapa mental daquilo que é focado pela câmera do celular.

Investigadora:

Um dos meus interesses era que vocês fotografassem com o celular porque é uma coisa que está com vocês no cotidiano. A gente não teve essa continuidade, né, por algumas limitações do aplicativo de fotografia e do leitor de tela. A máquina tem “recursos táteis” que você consegue perceber a comunicação da máquina... onde é o foco, o barulhinho do clique, tudo isso. A câmera não tem a voz [do leitor de tela] mas tem algumas sonoridades e a questão do tátil, que auxilia. Então, o *smartphone*, eu gostaria de ter aprofundado e acho que podemos fazer na próxima [oficina].

P5:

Com relação à câmera que não seja acessível, pode procurar aplicativos de câmeras acessíveis. Você não fica limitado tecnologicamente. Na questão da acessibilidade, a grande vantagem de ter um *smartphone* é que você não fica preso a determinado *software*.

Particularmente, acho que a aula de campo com uma ou duas pessoas se tornaria muito monótona, muito chata, muito assim, limitada socialmente. O que é que sugiro? A gente, vocês, não sei se vou estar na próxima oficina, vocês criarem uma aula como naqueles moldes de Ponta Negra, que foi a turma inteira, só que dividir o tempo. As pessoas que são mais *experts* na fotografia, no caso você e Teotônio, a primeira hora você ficaria com fulano e fulano e os outros ficam “banho livre”, como tem em natação. Se daquele banho livre sair alguma coisa que se aproveite, ótimo, se não... Eles estão em banho livre, mas se eles quiserem estar fotografando outras coisas, eles estarão lá, fotografando outras coisas. Se eles quiserem ficar prestando atenção naquele público que está sendo atendido naquele momento, pra já pegar maiores experiências, dicas... entendeu? Fica a critério das pessoas que estão lá, mas não separar o grupo.

P1:

Acho que nós poderíamos ter feito mais uma ou duas pautas. Acho que, talvez, no momento com Teco, a gente alongou muito. Senti um pouco de falta de mais exercícios dessa comunicação mesmo com o equipamento. O local é muito bom, o aprendizado em si é muito legal. [...] Fico querendo saber, nessa comunicação do cego com o vidente, como é que o vidente nos vê. Isso é legal pra gente, dá até uma auto-estima, né? Às vezes, a gente ocupa um lugar muito à margem da sociedade. Eu acho que a fotografia acaba rompendo com essa ideia para a quebra de paradigmas, né?

P3:

Esse momento de vivenciar esse trabalho fotográfico que você está realizando junto conosco, Andrea, pra mim é um trabalho que veio oportunizar e dar enriquecimento, no meu caso, nos meus conhecimentos muito primários, mas, me trouxe elementos novos. Posso dizer também que, a nível de metodologia, eu considero excelente. Senti falta apenas de um texto que poderia ser em áudio ou mesmo até um texto digitado, dando maior subsídio para compreensão das técnicas de fotografia. [...] Momentos como esse nos remete à oportunidade, realmente, o encorajamento de se lançar, ousar, compreender que, de fato, a fotografia não é exclusividade dos videntes, é algo que todos nós podemos participar. É um momento também onde adquirimos e elevamos a nossa auto-estima. Por quê? Porque temos a capacidade de fazer registros bastante interessantes, os quais as pessoas admiram, valorizam, elogiam.

Como também a fotografia, esse registro, ele traz para nós, um conhecimento que até então estava oculto. A fotografia possibilita essa situação de enriquecimento pra nós. Vou relatar um pequeno exemplo só pra vocês terem a ideia de como a fotografia, quando nós temos o hábito de fotografar, ela possibilita esse conhecimento dos elementos que, para nós, podem estar ocultos. Outro dia, entrei na instituição onde trabalho e dei boa tarde, cumprimentei. Só que percebi que tinha alguém que estava deitado no banco, supostamente. Com uma certa descrição, e com habilidade, fui tirando a máquina e trazendo a máquina. Eu procurei não direcionar a máquina, preparei, fiz o foco e registrei a pessoa [...].

É muito importante esse trabalho, sabe, Andrea, e sem contar que a fotografia traz também uma positividade tão grande que tem intervenções em nossa vida, relevante. Muitas vezes, acompanha por toda a existência.

P1:

Talvez um cego não vá ser um fotógrafo de um casamento, não vai. Só se ele se profissionalizar muito e tiver um assistente que se dedique, tal, e uma pessoa queira. [...]. A fotografia tem a importância de nos tirar do lugar à margem, de

valorizar a nossa produção simbólica. Então, trazer essa carga simbólica é aquilo que nós percebemos. É isso. E, a satisfação pessoal que está por trás da fotografia, por contribuir com o trabalho de Andrea.

- Apresentação das imagens selecionadas para a exposição;
- Descrever e disponibilizar as fotografias em relevo com carretilha;
- Cada participante deverá escolher um título para suas fotografias.

### **Anotações**

No nono encontro, o último desta edição da Oficina, trouxemos duas fotografias, de cada participante, que foram selecionadas pelos curadores Andrea Gurgel, Teotônio Roque e Henrique José. A ideia era que cada um soubesse que fotografias foram selecionadas. A partir da descrição realizada no local, eles poderiam escolher o título. Alguns participantes tiveram dificuldade e ficou definido que as imagens seriam descritas enviadas para que eles pudessem escolher o título com mais tranquilidade.

Neste encontro, P5 relacionou a regra dos terços com o teclado do telefone, para auxiliar um colega que não estava conseguindo compreender determinada imagem. Fez alguns exemplos e, ao chegar na vez dele, fez a descrição de uma fotografia sua que havia sido selecionada, utilizando a sua proposta de descrição. P5 descreveu sua fotografia a partir da representação tátil feita com carretilha, colocada sobre a placa com a regra dos terços, também em relevo:

No ponto sete tem um barco com a ponta no ponto quatro, cinco, sete e oito, certo? A ponta do barco. A parte dos tambores, que estão em cima do barco, ela tá toda no quatro. O mar. O mar, ele está no ponto, passando... a ponta do barco, ela tá no mar, certo? E aí, o mar vai até... ele passa na linha cinco, oito, seis e nove, certo? Embaixo. Em cima, é pra ser o mar e o céu, que não tem representação nenhuma. E no ponto oito e nove, embaixo, eu acho que é areia da praia, né, que o mar tá aqui. Deve ser areia com as espuminhas. Céu: seis, cinco, quatro, três, dois e um. Céu.

Para os alunos que não estiveram presentes neste último encontro, as fotografias selecionadas foram descritas e enviadas para eles, para que pudessem escolher os

títulos. Embora eles não estivessem presentes, as fotografias foram adaptadas em relevo e apresentadas aos colegas, inclusive os títulos que foram enviados.



## ANEXO 5 | ANÁLISE DE CONTEÚDO DO DIÁRIO DE BORDO

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
Sentimentos dos participantes	Ansiedade  Receio dos obstáculos para fotografar	“Embora a exploração das câmeras e smartphones não estivesse planejada para o primeiro encontro, as falas dos participantes sobre a ansiedade e os obstáculos em fotografar, fizeram com que antecipássemos tal atividade, que estava prevista para o encontro seguinte.” (1º encontro, Investigadora)
	Satisfação	<p>“Pra mim foi válido por muitas coisas [...] Eu sinto falta daqui durante a semana [...] Eu me senti muito bem e eu gostei muito” (8º encontro, P2)</p> <p>“o aprendizado em si é muito legal.” (8º encontro, P1)</p> <p>“pra mim é um trabalho que veio oportunizar e dar enriquecimento, no meu caso, nos meus conhecimentos muito primários, mas, me trouxe elementos novos” (8º encontro, P3)</p> <p>“É muito importante esse trabalho, sabe, Andrea, e sem contar que a fotografia traz também uma positividade tão grande que tem intervenções em nossa vida, relevante. Muitas vezes, acompanha por toda a existência.” (8º encontro, P3)</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
		<p>“Uma coisa que achei muito boa foi a localização do ambiente, por ter ônibus que pára na porta” (8º encontro, P2)</p> <p>“A fotografia tem a importância de nos tirar do lugar à margem, de valorizar a nossa produção simbólica. Então, trazer essa carga simbólica é aquilo que nós percebemos. É isso. E, a satisfação pessoal que está por traz da fotografia, por contribuir com o trabalho de Andrea.” (8º encontro, P1)</p>
	Interessante	<p>“Com relação à metodologia, eu achei interessante a questão da teoria.” (8º encontro, P5)</p> <p>“a nível de metodologia, eu considero excelente. Senti falta apenas de um texto que poderia ser em áudio ou mesmo até um texto digitado, dando maior subsídio para compreensão das técnicas de fotografia” (8º encontro, P1)</p>
	Auto-estima	<p>“Fico querendo saber, nessa comunicação do cego com o vidente, como é que o vidente nos vê. Isso é legal pra gente, dá até uma auto-estima, né? Às vezes, a gente ocupa um lugar muito à margem da sociedade. Eu acho que a fotografia acaba rompendo com essa ideia para a quebra de paradigmas, né?” (8º encontro, P1)</p> <p>“É um momento também onde adquirimos e elevamos a nossa auto-estima. Por quê? Porque temos a capacidade de fazer registros bastante interessantes, os quais as pessoas admiram, valorizam, elogiam. Como também a fotografia, esse registro, ele traz para nós, um</p>

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
		conhecimento que até então estava oculto. A fotografia possibilita essa situação de enriquecimento pra nós.” (8º encontro, P3)
Dificuldades dos participantes	Posicionamento da câmera	<p>“sentiu dificuldade no posicionamento da câmera” (3º encontro, P4)</p> <p>“a inclinação da câmera no close não é tão perceptível como no plano inteiro que, a mesma inclinação pode fazê-lo perder o enquadramento da pessoa a ser fotografada” (3º encontro, P5)</p> <p>“dificuldade na questão espacial porque não sabe se a câmera está enquadrando o que foi imaginado” (7º encontro, P3)</p>
	Luminosidade	“não se sentiu seguro quanto a luminosidade do ambiente” (3º encontro, P4)
	Dimensão real dos objetos/pessoas/cenários	<p>“o tato não tem a questão da globalidade que a visão tem. A gente não tem a dimensão real do tamanho” (3º encontro, P1)</p> <p>“Às vezes você não tem noção da quantidade de informações e elementos que cabem dentro de uma fotografia. A nossa maneira de ver o mundo é linear e tátil” (7º encontro, P1)</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
	Dificuldade ou impossibilidade de participação por falta de acessibilidade	<p>“Não foi muito proveitoso porque apenas P5 participou efetivamente.” (4º encontro, Investigadora)</p> <p>“O smartphone de P4 não possibilitou a vivência pois o leitor de tela não tinha acesso aos recursos câmera” (4º encontro, Investigadora)</p> <p>“dificuldade por ser touchscreen e pelo leitor de tela não ter mencionado se a câmera que estava sendo utilizada era a frontal ou a traseira.” (4º encontro, Investigadora)</p> <p>“O ângulo de abertura da lente do celular de P5 era maior que o das câmeras utilizadas, então, com a mesma distância, conseguia-se resultados diferentes nos planos fotográficos” (4º encontro, Investigadora)</p> <p>“Por estar no ambiente externo e de muito barulho, não conseguiu ouvir o clique do momento do registro.” (7º encontro, P1)</p>
	Falta de conhecimentos de alguns colaboradores videntes	<p>“guiado por pessoas diferentes durante a aula, percebeu a diferença do olhar de cada vidente e exemplificou que alguns não conseguiam ou não sabiam descrever, ou, ainda, não tinham conhecimento sobre técnicas e linguagem fotográfica.” (7º encontro, P1)</p>

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
Necessidades identificadas	Ter uma pessoa vidente ao lado	<p>“sentiu necessidade de sempre ter um vidente para auxiliá-lo e falou da importância de haver um diálogo entre eles” (7º encontro, P1)</p> <p>“os cegos devem guiar o vidente de maneira que consiga receber as informações necessárias e desejadas” (7º encontro, P3)</p>
	Treino	<p>“Eu acho que essa perspectiva de você conhecer como é que vai ficar a foto realmente, isso, um dia, pode até chegar próximo. Agora, isso vai depender de muito treino, de muito conhecimento do equipamento que você tá usando, que você, com um tempo” (8º encontro, P5)</p> <p>“Senti um pouco de falta de mais exercícios dessa comunicação mesmo com o equipamento” (8º encontro, P1)</p>
	Representação das fotografias em relevo com carretilha	<p>“Eu acho que essa perspectiva de você conhecer como é que vai ficar a foto realmente, isso, um dia, pode até chegar próximo. Agora, isso vai depender [...] muita gente disposta a fazer esse trabalho com a carretilha. Porque a gente só vai perceber a dimensão da fotografia que a gente tá tirando com o recurso tátil. (8º encontro, P5)</p>

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
Dinâmicas da Oficina	Convidados em sessão presencial	<p>“iniciámos as atividades com a participação e apresentação de Henrique José, fotógrafo, professor de fotografia em uma universidade particular, e proprietário do Mercado da Foto, local onde a Oficina foi realizada.” (2º encontro, Investigadora)</p> <p>“No quinto encontro, tivemos a colaboração de Henrique José, para conversarmos sobre o comportamento e propriedades da luz.” (5º encontro, Investigadora)</p>
	Convidados em sessão síncrona	<p>“Na ocasião, Teco falou da sua deficiência, da graduação em jornalismo, da atuação quanto fotógrafo profissional e do seu processo de fotografar.” (2º encontro, Investigadora)</p>
	Exploração de recursos	<p>“Utilizamos as máquinas fotográficas para exploração tátil e conhecimento das funcionalidades, além de conhecermos, também, as funcionalidades das câmeras dos smartphones de alguns participantes” (1º encontro, Investigadora)</p> <p>“Algumas câmeras e filme de 35mm foram utilizados para demonstrar, tatilmente, a evolução e alteração dos formatos das câmeras e dos suportes onde as imagens são registradas entrando, inclusive, na diferenciação da fotografia analógica e digital.” (2º encontro, Investigadora)</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
		<p>“Os recursos utilizados foram: planos fotográficos e regra dos terços em relevo com base de pvc; molduras de cartolina; máquinas fotográficas e smartphone dos participantes. e enquadramentos e regra dos terços em relevo” (3º encontro, Investigadora)</p> <p>“experimentamos fotografar com os smartphones dos participantes, utilizando a tabela da construção dos planos como referência” (4º encontro, Investigadora)</p>
	Balanço da Oficina	<p>“No terceiro encontro, iniciamos as atividades fazendo um balanço conversando sobre o andamento da Oficina e alguns participantes manifestaram suas observações.” (3º encontro, Investigadora)</p> <p>“No sétimo encontro, iniciamos com uma conversa sobre a aula de campo e em seguida realizamos autoavaliações das produções fotográficas e da conduta quanto o cumprimento das orientações passadas para a aula anterior” (7º encontro, Investigadora)</p>
	Ambiente ativo e descontraído	<p>"não tem aquela cara de sala de aula. É um ambiente dinâmico e descontraído, onde, não tem formalidades [...] é uma experiência, inclusive, nova, essa metodologia de dinâmica e descontração, onde as pessoas interagem de forma igual, deixando todos à vontade [...]" (3º encontro, P3)</p> <p>"Não sei se de forma intencional, ou não, mas, isso é uma tendência de mercado. Estou lendo um livro chamado 'Aprendizagens baseadas em jogos digitais' que faz parte da bibliografia do</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
		<p>curso de mestrado que estou vendo aí se vou fazer, e o autor fala exatamente nisso, que a tendência de hoje é a gente partir para uma nova metodologia que não seja aquela que o professor explica, mostra conteúdo e os alunos ficam lá sentados, prestando atenção, entediados, doidos que a aula acabe para irem fazer outras atividades. Quer mostrar o seguinte: quer mostrar que existem formas de você dar o mesmo conteúdo de forma mais agradável, mais ativa, pode-se dizer assim" (3º encontro, P5)</p> <p>“é um espaço aberto para as discussões sobre a temática, onde nós somos apenas mediadores e não detentores do conhecimento, portanto, construída coletivamente, para a aprendizagem de todos os envolvidos: mediadores, colaboradores e participantes.” (3º encontro, Investigadora)</p>
	Exercícios práticos nos encontros	<p>“um exercício prático onde cada participante fotografava um colega a partir dos planos sistematizados na primeira oficina” (3º encontro, Investigadora)</p>
	Exercícios práticos fora dos encontros	<p>“como forma de praticar a fotografia em outro espaço que não fosse o da Oficina, pedimos que contassem suas histórias por meio de dez fotografias.” (3º encontro, Investigadora)</p>



<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
	Descrição e análise de fotografias tiradas pelos participantes	“A dinâmica foi pedir que eles falassem o que e como tinham fotografado, enquanto a pasta das fotografias, do participante que estava apresentando, estava aberta na tela do notebook. Enquanto eles descreviam o que tinham produzido, a mediadora buscava as imagens para dizer se o objetivo havia sido alcançado.” (4º encontro, Investigadora)
	Estratégias para explicação da luminosidade e formação da sombra	“a mediadora fixou um boneco articulado de madeira, sobre uma mesa de centro, e Henrique montou o fresnel, um tipo de iluminação com lente especial, para que a luz incidisse sobre o boneco e projetasse a sua sombra. A sombra foi contornada com barbante, fixado com fita adesiva. Em seguida, ampliou-se a dimensão da projeção da sombra, utilizando os próprios participantes como modelos enquanto outros exploravam a sombra projetada na parede.” (5º encontro, Investigadora)
	Aulas de campo	<p>“Após o exercício, combinamos o horário e ponto de encontro para a aula de campo. A pauta era fotografar os trabalhadores e trabalhadoras da praia” (5º encontro, Investigadora)</p> <p>“Para a realização, tivemos o apoio de Rômulo e Adriana para o deslocamento de parte dos participantes e no auxílio, na praia” (6º encontro, Investigadora)</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
	Utilização dos sentidos	<p>“Orientamos que fizessem as fotografias sem pressa, primeiramente imaginando o que fotografar para depois registrar, levando em consideração as informações percebidas pelas pistas sonoras e olfativas” (6º encontro, Investigadora)</p> <p>“o campo visual dele é até onde o braço alcança.” (7º encontro, P5)</p>
	Fotografia mental	<p>“realizamos uma dinâmica com a música instrumental “Love Theme”, de Ennio Morricone, do filme Cinema Paradiso (1988). Cada participante deveria ouvir a música e, ao final, fazer uma fotografia mental para depois descreve-la para o grupo. A descrição incluía a posição, se era vertical ou horizontal, e o plano. Ao termino da dinâmica, ventilamos possíveis locais onde a exposição fotográfica poderia acontecer.” (7º encontro, Investigadora)</p>
	Relação da regra dos terços com o teclado do celular	<p>“P5 relacionou a regra dos terços com o teclado do telefone, para auxiliar um colega que não estava conseguindo compreender determinada imagem. [...] fez a descrição de uma fotografia sua que havia sido selecionada, utilizando a sua proposta de descrição” (9º encontro, Investigadora)</p> <p>“No ponto sete tem um barco com a ponta no ponto de outro quatro, cinco, sete e oito, certo? A ponta do barco. A parte dos tambores, que estão em cima do barco, ela tá toda no quatro. O mar, o mar, ele está no ponto, passando... a ponta do barco, ela tá no mar, certo? E aí, o mar vai até... ele passa na linha cinco, oito, seis e nove, certo? Embaixo. Em cima, é pra ser o mar e</p>

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
		o céu, que não tem representação nenhuma. E no ponto oito e nove, embaixo, eu acho que é areia da praia, né, que o mar tá aqui. Deve ser areia com as espuminhas. Céu: seis, cinco, quatro, três, dois e um. Céu.” (9º encontro, P5)
Utilização de TIC	WhatsApp para gestão de Encontros	“Diante da situação, no grupo criado no WhatsApp, colocamos a questão se era pertinente ou não mantermos a data confirmada e os que se manifestaram, votaram a favor do adiamento.” (2º encontro, Investigadora)
	WhatsApp para partilha de informação sobre os encontros	“através do nosso grupo no WhatsApp, enviamos links de dois vídeos sobre esses os fotógrafos convidados para que os/as participantes pudessem conhecer um pouco dos trabalhos e assim, elaborarem perguntas.” (2º encontro, Investigadora)
	Skype	“Os recursos que utilizamos no segundo encontro foram: imagens em relevo, feitas com papel vegetal, hidrocor e carretilha, de fotógrafos com deficiência visual [brasileiros e estrangeiros]; máquinas fotográficas; filme 35mm; internet; skype; webcam; microfone e caixa de som.” (2º encontro, Investigadora)

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
	Drive do Google	<p>“Combinamos que as imagens produzidas deveriam ser inseridas no drive (nuvem do gmail) em pastas identificadas com os respectivos nomes dos participantes.” (3º encontro, Investigadora)</p>
Sugestões de melhoria	Descrições realizadas pelos colaboradores feitas gradualmente	<p>“as descrições podem ser feitas em partes, como a regra dos terços. Sugeri utilizar uma moldura com a regra dos terços para delimitar o olhar do vidente, onde a descrição pode ser feita da esquerda para a direita e de cima para baixo, em cada divisão dos terços, como um scanner.” (7º encontro, P3)</p> <p>“o fotógrafo, no caso o cego, ele também tem que saber perguntar, orientar, ajudar... A pessoa que enxerga não vai saber o que a gente tá querendo, a nossa curiosidade” (8º encontro, P2)</p>
	Aula de campo realizada em grupos de 2 participantes	<p>“conversámos sobre a dinâmica da aula de campo, onde a mediadora apresentou a proposta para que fosse realizada em dupla. Com o grupo inteiro não havia condições de dar atenção a todos simultaneamente, pois dificultaria o acompanhamento de dúvidas e saber se os participantes estavam utilizando as técnicas sugeridas durante as aulas” (8º encontro, Investigadora)</p> <p>“Sair em campo em grupo não me incomoda. Eu acho também que vai ajudar porque o que você fala pra um, vai falando pro outro, o outro vai captando. Se eu não captei o que você quis</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
		<p>passar pra mim, quem estava no meu lado pode ter captado melhor, entendeu?” (8º encontro, P2)</p> <p>“Particularmente, acho que a aula de campo com uma ou duas pessoas se tornaria muito monótona, muito chata, muito assim, limitada socialmente. O que é que sugiro? A gente, vocês, não sei se vou estar na próxima oficina, vocês criarem uma aula como naqueles moldes de Ponta Negra, que foi a turma inteira, só que dividir o tempo” (8º encontro, P5)</p>
	Abertura das inscrições (participação) de pessoas videntes	<p>“Discutimos a participação de pessoas videntes que normalmente acompanham as pessoas cegas, por exemplo, mães, maridos e esposas, para que eles conheçam um pouco sobre a fotografia, para auxilia-los em situações do cotidiano” (8º encontro, Investigadora)</p>
	Ensaio fotográfico de objetos	<p>“Após algumas colocações, sugeriu-se que para as próximas oficinas fosse realizado um ensaio de um objeto.” (8º encontro, Investigadora)</p>
	Utilização de equipamento pessoal	<p>“eu acho que teria facilitado a minha vida, é utilizar a ferramenta de trabalho que aquele fotógrafo dispõe naquele momento e que irá seguir com ele pro resto da sua vida, ou não, porque depende da evolução tecnológica, certo? Seja meu celular, a máquina de P3, a polaroid de P1, o que for. Por quê? Porque na hora que você fotografa com o seu equipamento, você vai pegando, na linguagem popular, vai pegando a manha daquele equipamento. Vai pegando</p>

Categoria	Indicadores	Unidade de Contexto
		<p>o grau de abertura da lente e vai pegando a profundidade. Vai formando na sua cabeça o mapa mental daquilo que é focado pela câmera do celular” (8º encontro, P5)</p> <p>Então, o smartphone, eu gostaria de ter aprofundado e acho que podemos fazer na próxima [oficina] (8º encontro, Investigadora)</p>
	Software/aplicativos acessíveis	Com relação à câmera que não seja acessível, pode procurar aplicativos de câmeras acessíveis. Você não fica limitado tecnologicamente. Na questão da acessibilidade, a grande vantagem de ter um smartphone é que você não fica preso a determinado software. (8º encontro, P5)
	Complemento de informação teórica	<p>“Com relação à metodologia, eu achei interessante a questão da teoria.” (8º encontro, P5)</p> <p>“Senti falta apenas de um texto que poderia ser em áudio ou mesmo até um texto digitado, dando maior subsídio para compreensão das técnicas de fotografia” (8º encontro, P1)</p>